

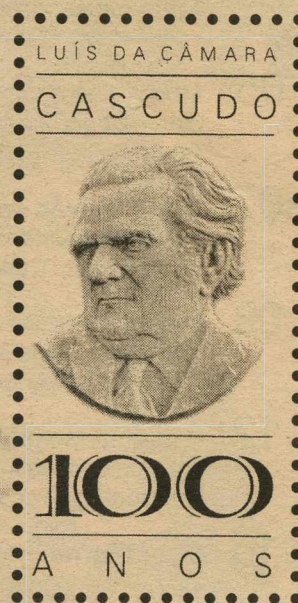
O GALO

JORNAL
CULTURAL

ANO X - Nº 9 - Outubro, 1998

NATAL-RN - FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

A célebre viagem de estudos que o historiador Luís da Câmara Cascudo fez à África, em 1963, tem revelações inéditas feitas pelo antropólogo Augusto Mesquitela Lima, o homem que o recebeu e o guiou na estada em Angola. O antropólogo fala em entrevista exclusiva ao editor Nelson Patriota. No Selo Cascudo, textos de Moacyr Cirne, Dácio Galvão, Aroldo Martins e do próprio Mesquitela Lima.



Índice

Selo Cascudo

- 03 Aroldo Martins** flagra o *encosto* de Cascudo num terreiro de umbanda
- 04 Talvani Guedes da Fonseca** recorda o seu convívio com Cascudo
- 05 Moacy Cirne** constrói script cinematográfico em torno de Câmara Cascudo
- 07 Dácio Galvão** estuda gênese do *Cinema Pax*, do poeta Moacy Cirne
- 09 Nelson Patriota** entrevista o antropólogo que recebeu Cascudo em Angola
- 12 Augusto Mesquitela Lima** faz apologia do trabalho antropológico de Cascudo
- 15 Acta Diurna** conta o primeiro encontro de Cascudo com Rui Barbosa.
-
- 16 Djacy Branquinho** - em conto inédito descreve o fim de um relacionamento afetivo
-
- 17 Nonato Gurgel** - autor investiga o discurso do corpo na obra poética de A. Cristina César
-
- 19 Anchieta Fernandes** - ensaio aponta lacunas na história da imprensa norte-rio-grandense
-
- 20 Lenine Pinto** - visita a "língua do pê", o "verlan" e o "pig latin", entre outras línguas alternativas
-
- 21 Francisco Sobreira** - o conto "A bicicleta" descreve as agruras de um ladrão de ocasião
-
- 23 Manoel Onofre Lopes** - Trechos da correspondência passiva com vários escritores
-
- 25 Paulo Jorge Dumaresq** - dois poemas inéditos vêm do sertão e a vila de Ponta Negra
-
- 26 Hudson Paulo da Costa** - conta denúncia aprendido da violência via televisão
-
- 27 Tácito Costa** - ensaio orienta leitores a penetrarem na obra do romancista Henry Miller
-
- 29 Arlindo Freire** - por que Cristóvão Colombo foi condenado pelos indígenas
-
- 31 LANÇAMENTOS** - antologia poética, poesia premiada e três ensaios sobre Câmara Cascudo
-
- 32 Cores em canções** - trabalho de Cândida Maria de A. Bezerra sobre tema de Raul Córdula

Angola, Luanda

Como um antropólogo europeu vê o legado antropológico do escritor Luís da Câmara Cascudo? Esta é uma indagação que todo norte-rio-grandense se faz quando depara com obras de cunho eminentemente antropológico de nosso maior historiador, como, por exemplo, sua monumental *História da Alimentação no Brasil* ou *Canto de Muro*. Qual o papel dessas obras no cânone cascudiano? Como aferir seu conteúdo teórico? Esta e outras questões correlatas são abordadas criteriosamente pelo antropólogo luso-cabo-verdiano José Augusto Mesquitela Lima, em entrevista exclusiva a O GALO. Mesquitela insiste que Cascudo não se limitou a recolher conhecimentos, mas foi também um teórico da antropologia e como tal deveria ser estudado nas universidades de língua portuguesa de todo o mundo. Mesquitela assina ainda ensaio, que vai publicado aqui pela primeira vez, onde analisa a presença de Portugal e África na obra de Cascudo, e a relação desses dois marcos culturais na interpretação que Cascudo faz do *melting pot* brasileiro, inclusive em sua vertente gastronômica e alimentar.

O Selo Cascudo se apresenta variegado e transdisciplinar. O professor Aroldo Martins faz um curioso passeio pela magia afro-brasileira e surpreende o *encosto* de Cascudo num centro de umbanda; o jornalista Talvani Guedes da Fonseca volta à Natal dos anos 60, quando freqüentava o restrito ciclo de convivência de Câmara Cascudo; o poeta Moacy Cirne imagina um roteiro cinematográfico dirigido pelo cineasta Luiz Rosemberg centrado em torno da vida boêmia de Cascudo, onde comparecem intelectuais natalenses contemporâneos, dentre eles, Sanderson Negreiros, Tarcísio Gurgel, Dailor Varela, J. Medeiros, Anchieta Fernandes e outros; o poeta Dácio Galvão se detém, por sua vez, na análise do *Poema Pax*, de Cirne. A *Acta Diurna* traz uma revelação: o dia em que Cascudo se viu frente à frente com Rui Barbosa, casualmente, numa livraria carioca. A crônica dimensiona a imagem quase mítica que Rui passava aos jovens escritores de sua época.

O conto se manifesta através dos escritores Francisco Sobreira, que narra, em "A bicicleta" as vicissitudes de um ladrão de ocasião, com um final repassado de ironia; Djacy Branquinho de Mendonça explora o desfecho de um relacionamento, cuja iniciativa fica por conta do narrador; Hudson Paulo Costa prefere, através de uma engenhosa didática, ilustrar a que absurdos pode chegar a violência gratuita

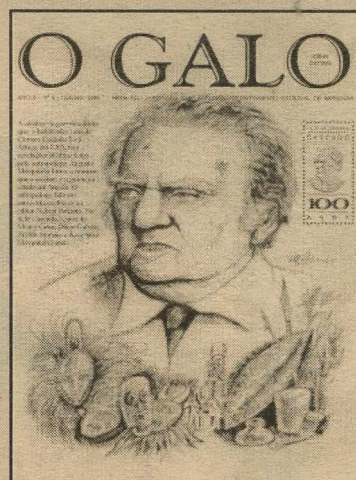
da tevê. O ensaísmo se apresenta não menos variado. Manoel Onofre Jr. abre o baú de sua correspondência passiva e extrai textos significativos de missivas assinadas por Ariano Suassuna, Jarbas Martins, Assis Brasil, Nei Leandro de Castro, Hildeberto Barbosa Filho, Homero Homem, etc.; Tácito Costa dá dicas preciosas para quem quer se iniciar na labiríntica ficção de Henry Miller, mas não sabe por onde começar; o prof. Nonato Gurgel se detém sobre o complexo do corpo enquanto escritura na obra poética *A Teus Pés*, de Ana Cristina César; o jornalista Arlindo Freire descreve os crimes cometidos por Colombo contra os indígenas americanos; o pesquisador Lenine Pinto resgata velhas linguagens "marginais", como "a língua do pê", o *verlan*, o "pig latin", etc, e destaca a influência da presença americana na Natal da Segunda Grande Guerra no incremento dessas curiosas invenções lingüísticas. Ao pesquisador Anchieta Fernandes preocupam as omissões detectadas em duas obras básicas na história da imprensa periódica potiguar: a *História da Imprensa no Rio Grande do Norte*, de Luiz Fernandes, publicado pela primeira vez em 1908, e reeditado agora em 1998; e *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte 1909-1987*, de Manoel Rodrigues de Melo, e publicado em 1987. Dois poemas de Paulo Jorge Dumaresq desafiam a hegemonia da prosa, num contraponto bem-vindo. Tampouco diz menos da poesia; pelo contrário, destaca-a, na medida em que a utiliza (neste caso)

com extrema parcimônia.

Por fim, uma palavra de agradecimento ao desenhista Tarcísio Mota que, com sua arte de recorte extremamente sofisticado, vem dar, em boa hora, uma valiosa contribuição para o incremento da apresentação visual deste periódico cultural, ao lado dos trabalhos do jovem Mário César, da fotógrafa Joana Lima e do perfeccionista Jailton Fonseca, responsável pela apresentação visual deste periódico.

Atenciosamente,

O Editor



Capa: aquarela de Tarcísio Mota inspirada no tema: Cascudo em visita à África. Abaixo, máscaras rituais angolanas.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto WODEN MADRUGA
Presidente

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
ARLINDO DE MELO FREIRE
Diretor-Geral

O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção



Colaboraram nesta edição: Tarcísio Mota, Anchieta Fernandes, Augusto Mesquitela Lima, Moacy Cirne, Hudson Paulo, Dácio Galvão, Mário César, Arlindo Freire, Talvani Guedes, Cândida Bezerra, Raul Córdula, Lenine Pinto, Manoel Onofre Jr., Aroldo Martins, Djacy Branquinho de Mendonça e Paulo Jorge Dumaresq.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020-220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0345. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

“O terreiro reluz na penumbra num bruxuleio misterioso de flamas dispersas, entre sombras”

CANDOBLÉ

“Tu que abafas o silvo da pérvida caninana, livra-nos da besta-fera dos miasmas da Ribeira”

Madama Baticum

Aroldo Martins

Tontas iaiás balouçam os corpos revoltosos num rendilhado de saias alvoroçadas, multicoloridas, num ritmo de tantãs atordoando os enfeitiçados. Os atabaques percutem em estonteante pulsação, mesmerizando as iaôs dançarinas – algumas, manifestadas, desatando a rir em achaques e tremeliques – ululando ao léu, noivas de uma lua em sombrio e tenebroso minguante.

Um mão-de-faca acende bugias. O terreiro reluz na penumbra num bruxuleio misterioso de flamas dispersas, entre sombras escondidas.

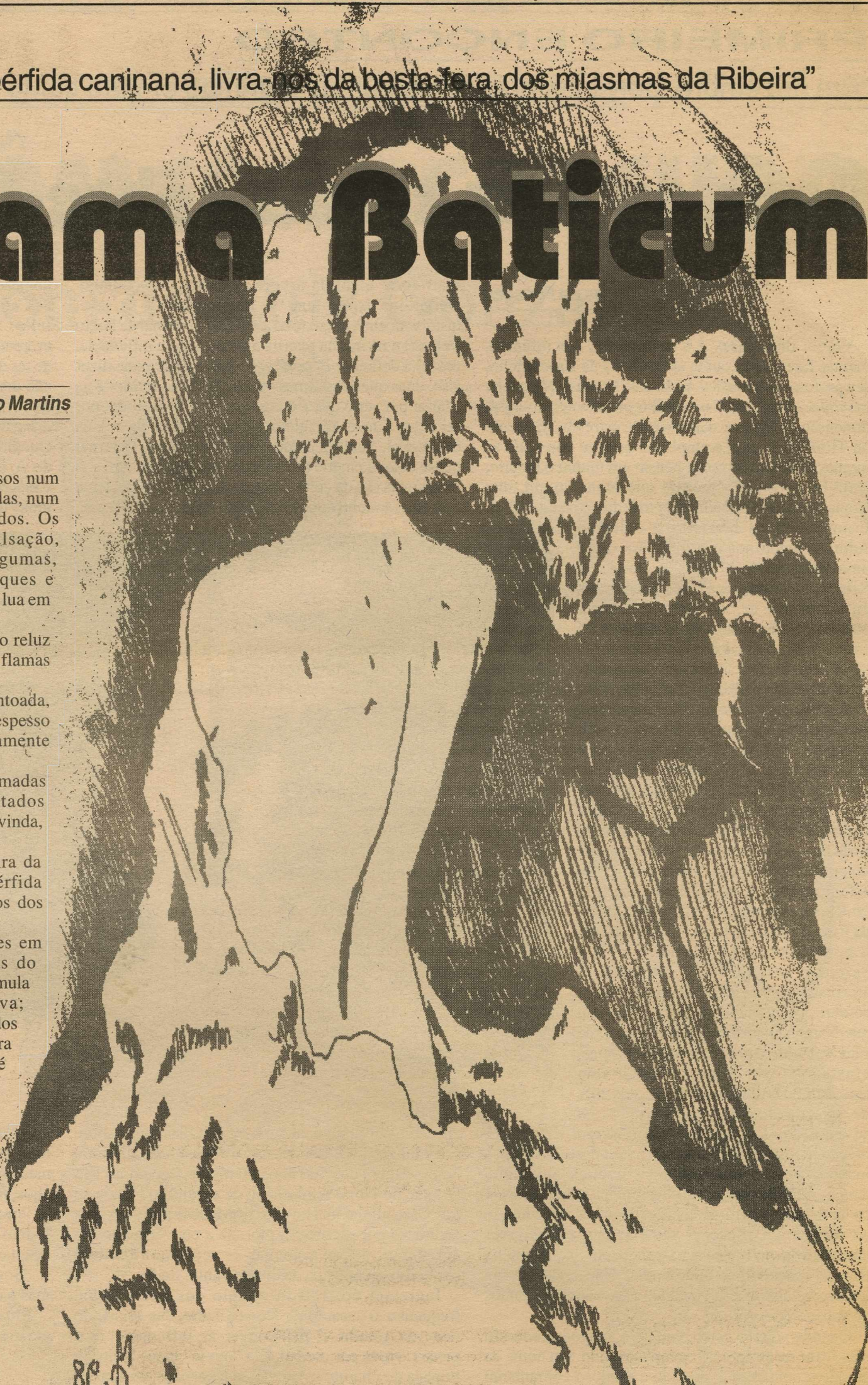
Longe, doce e harmoniosa corimba é entoada, enquanto atravessas com mavioso canto o espesso negrume dos incensos, os olhos estranhamente luzidios fulgurando na minha escuridão.

Albina, gema do Areal, dona de perfumadas noites de macumba, rainha dos encantados hotentotes, maga da indiara cabocla, sê bem-vinda, mãe.

Senhora dos seres dos mares, conselheira da mãe-d'água, tu que abafas o silvo da pérvida caninana, livra-nos da besta-fera, afasta-nos dos hodiernos miasmas da Ribeira.

Quando, num teu pesadelo, vislumbrares em soturna noite de trovoadas nas camboas do Reflores, um vulto chagado, cavalgando uma mula sem cabeça e que, em disparada, uiva; paralisando as ostras, gorando as ninhadas dos pequeninos maçaricos, mando-o de volta para a aldeia, mãe: aquele é o calunga de Zé Pretinho, nosso primeiro enforcado oficial.

Mas, se em tua mansuetude dormitas entre nuvens, e em lindos sonhos avistares um caboclo velho, perambulando nos jardins do Tissuru, soprar volutas de um boró, provocando o panapaná das borboletas, colher a dália e espantar a osga cantarolando a música do primitivo gentio, traze-o, mãe, faz ogã de mim, cambone teu, e desce, Albina, baixa nesse povo que te ama aquele que mexeu com catimbó; aquele que tudo sabe, faz e acontece, esse buliçoso e serelepe zé-pelintra de marca maior: o encosto de Cascudo.



“Por ironia pousei num dos galhos da mais forte e sólida árvore do pomar cascudiano”

PRIMEIRO ENCONTRO

“Em dezembro, portanto, chorarei algumas lágrimas em um canto de muro qualquer”

Duas ou três coisas sobre Cascudinho

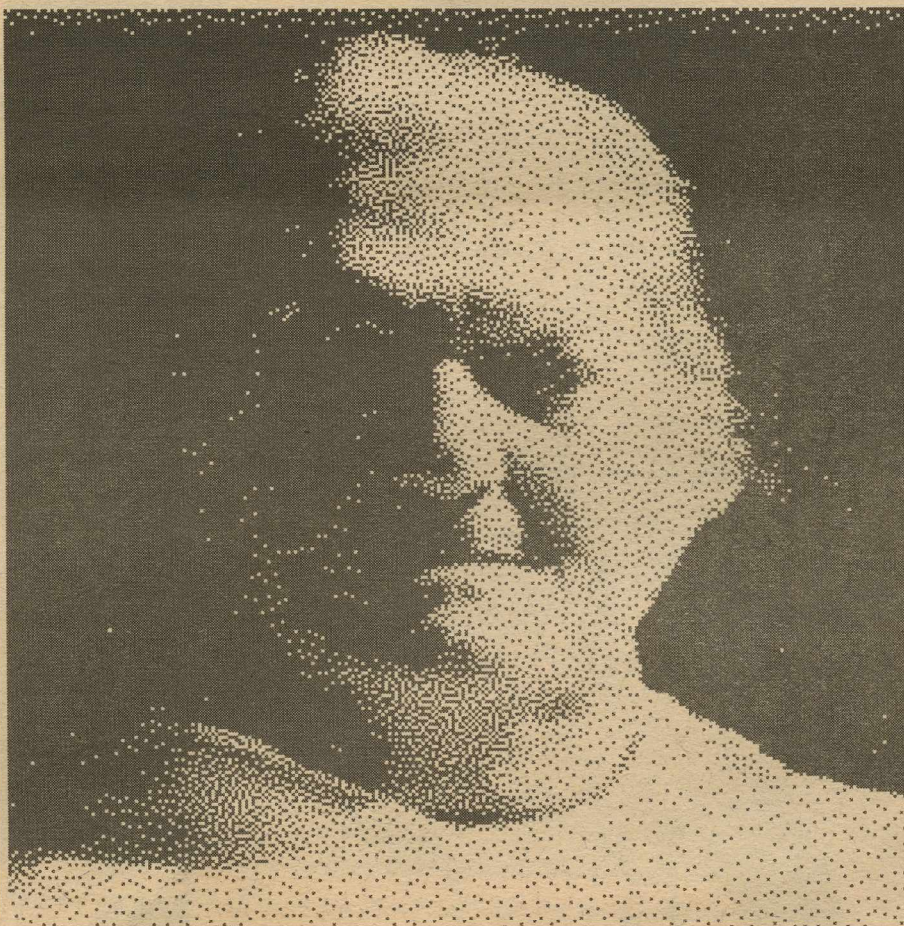
Talvani Guedes da Fonseca

Foram duas fases e a eternidade. Na infância, mamãe falava e eu ouvia as histórias de Cascudinho, seu professor de música, na Escola Normal. Na minha meninice tiroleza, Cascudinho era um ser de outra dimensão, a Ribeira, das antigas e estreitas, diferente do Tirol arborizado e amplo no qual eu construía as minhas fantasias de ousar pensar em mudar o mundo, tentá-lo, ao menos, mesmo que montado em uma utopia. E um dia Cascudinho entrou direto no meu Tirol, Éramos alunos maristas e o Irmão Adonias levou nossa turma para ouvir uma palestra do Mestre. À noite, na Ribeira. Aqueles cabelos alourados envoltos no ar, os olhos de fina objetividade, a penetrar em nossas mentes com a luz da sabedoria maior da nossa terra. um frenesi absoluto em nossas cabecinhas, de Garibaldi, José Wilde, Tito – do, então, primeiro ano “A”, do Irmão Honório como titular.

Nesse primeiro encontro com Cascudinho ele falou dele, e, conseqüentemente, falou do mundo. Reconstruiu sua história pessoal, curiosamente, porém, centrando a maior parte da conferência nos tempos em que viveu no Tirol. Seu pai mudara com toda a família para uma chácara, perto do 16.RI. Ele, no entanto, não ficava longe da Ribeira, do Centro, da boemia. Pegava o bonde, descia na Jundiaí e fazia o percurso restante à pé, obrigado a atravessar a escuridão que ofereciam as sombrias mangubeiras, num tempo em que Natal não conhecia a iluminação de ruas em seus bairros mais novos, mais afastados. Um temor! E o jovem Cascudinho enfrentava o medo dos cães de guarda dos quintais frondosos, sustentando-se numa Ave Maria mental e ritmada, oração para afastar as almas danadas deste e do outro mundo. Guardei na memória tal descrição por muito tempo. Materialismo em que mergulhei, pouco a pouco, na minha educação emocional e filosófica, impedia que eu rezasse em situações semelhantes, em, lugares ermos que pela frente fui passando, em São Paulo, no Rio de Janeiro, por onde andei. Não rezava e me lembrava (ouvia!) da voz do mestre e seus conselhos de sabedoria.

Quando voltei a Natal, em 1976, magoado e ferido mas firme na certeza do dever cumprido, em nome da grande utopia, o meu querido e saudoso comunismo (em tempo: as idéias não morrem e logo, logo, o mundo sairá desta crise), por ironia pousei num dos galhos da

mais forte e sólida árvore do pomar cascudiano. Dera-me espaço em “A República” (já se sabe, historicamente, quem foi o assassino do jornal de Pedro Velho?) e na minha restrita área de ação e influência, passei a defender e “proteger”, se é que se pode dizer isso, duas queridas almas do meu coração ferido: Ana Maria, por ser o que é e como é, mas, sobretudo, por ser filha; e José Alexandre Garcia, o Alex, da coluna de futebol. Sempre disponível para ambos. O jornal quase colava parede no casarão da Junqueira Aires, o fortin mais rijo da cultura potiguar. Iniciei um paciente e taoista caminho de aproximação. Primeiro, publiquei,



em série, um suplemento, o livro de Cascudinho sobre casualidade do descobrimento do Brasil. Atualíssimo, hoje, véspera dos 500 anos. Será que alguém no Rio Grande do Norte lembrou-se de reeditá-lo? Dizia-se que Cascudinho mal ouvia e comunicava-se com seus visitantes por escrito. E, pior: se a conversa não lhe agradasse, deixava apagar-se seu charuto, sinal explícito de conversa desinteressante, finda.

Ingressei no restrito círculo dos que podiam frequentar o casarão da Dona Dhalia, das broas, do doce de goiaba. E das conversas infindas com o mestre. Nada por escrito. Ele “ouvia” meus lábios, a fumaça do charuto esvaindo-se no espaço, os apartes inteligentes do querido flamenguista Newton, o neto, a memória. Diógenes da Cunha Lima, Reitor recém

nomeado, aproveitou a ressurreição (iniciada nas lentes de Carlos Lyra) e publicou “Cascudinho, um brasileiro feliz”. Lutamos e conseguimos uma máquina de escrever especial, com tipo no corpo 14, na tentativa de ter o mestre de volta ao jornal diário. Infelizmente, não deu certo. Tivemos, sim, naqueles anos, a edição de “Anubis e outras histórias”. Nada mais. Ele me dizia, do “alto dos oitenta anos”, que seu tempo passara. Quem se dispuser a pesquisar encontrará, nos arquivos de A Republica, uma longa entrevista que fiz com Cascudinho, em 78/79. Um primor, modestamente, por uma ‘única razão: as perguntas era reticências, Não publiquei nenhuma pergunta e explicava ao leitor a razão de não fazê-lo, ou seja: se o Mestre era surdo, para que perguntas, se o fundamental eram suas tiradas filosóficas de Minerva, sobretudo?

Depois, Brasília. Na despedida, uma pizza no Vicenzo, ainda na Praia do Meio, a glória do Mestre em poder sair de casa para jantar fora na companhia de Ana, Camilo, Newton e Dhaliana, Inesquecível. Uma no depois, editor de “A Voz do Brasil”, espaço da Presidência da República, recebi de Ana uma entrevista gravada do Mestre e coloquei-a no ar, no dia Nacional do Folclore. A Glória! A justiça! Numa das idas do honrado pai da redemocratização, João Baptista de Oliveira Figueiredo, à Natal, sugeri a S. Exa. que incluísse no roteiro uma visita ao casarão da Junqueira Ayres. Dito e feito! Mas, tudo isso é passado. O que importa é o agora. Outro dia apelei (e fui correspondido) ao poeta Diógenes. Um Farol do Saber (biblioteca pública) de Curitiba não dispunha de nada de Cascudinho. Diógenes mandou a reedição de “... um brasileiro feliz”, que conseguimos no Senado, graças a Mauro Benevides. E isso é tudo, por enquanto. Exceto, as lamentações pelas dificuldades

que Ana Maria enfrenta para manter o Memorial, está tudo como sempre e temo só voltar a perceber o natalense interessado em Cascudinho dentro de 100 anos, no bicentenário do seu nascimento.

Porque, para mim, Cascudinho é indagação diária. E digo como dele ouvi (e foi ao ar, na Voz do Brasil), ao citar Goethe:

“Sou o que sou. Podem não gostar da minha face, mas não poderão mudá-la”.

Em dezembro, portanto, chorarei algumas lágrimas em um canto de muro qualquer.

"Mas não quero trabalhar o Cascudo das honrarias oficiais; prefiro o seu lado menos conhecido"

ROTEIRO

"Numa velha mesa, Cascudo, Jorge Fernandes, Mário de Andrade e Ascenço Ferreira"

LUZ, CÂMERA, CASCUDO

[ao som de Luiz Gonzaga]

Ouve-se a voz de Tarcísio Gurgel: — Não conheço os seus filmes, mas tenho ótimas referências sobre eles. Sei que você é um cineasta experimental, um cultor de Vertov, Welles e Godard, um diretor que pensa politicamente o cinema; já Cascudo é um tradicionalista, no melhor sentido possível da palavra, o nosso maior folclorista, o nosso maior intelectual, um homem que, como um verdadeiro monumento, dedicou toda a sua vida à cultura popular, não é verdade?

Será possível, através de sua ótica particular, fazer um filme dedicado a sua obra? Seja sincero, como você encara esta possibilidade? É um projeto viável?

Luiz Rosenberg Filho pigarreia e fala: — Claro que é viável. O meu roteiro do filme apostará na superação de uma contradição dialética, aquela que envolve a dicotomia tradição/modernidade. Cascudo não era um grande amigo do modernista Mário de Andrade? Então! Mas não quero trabalhar o Cascudo das honrarias oficiais; prefiro o seu lado menos conhecido, o seu lado "Cascudinho". O seu lado mais boêmio. Inclusive, já tenho no papel a cena final. [Planos rápidos da Ribeira: o Beco da Quarentena, a Rua Chile, o Cais Tavares de Lira, o Potengi.] Rosenberg continua: — Imaginemos um bar. Cena interior. Numa velha mesa, Cascudo, Jorge Fernandes, Mário de Andrade e Ascenço Ferreira conversam animadamente. De repente, ouve-se um frevo, ou melhor, um baião (não importa se o baião ainda não existia como gênero musical). Corte rápido para uma frase que ocupa toda a tela: E AGORA O PLANO DE UM BAITA BAITOLA BOM DE BAIÃO. A imagem, em câmera baixa, fixa, no meio do salão, o baitola, que dança de maneira frenética. Depois, corta para os quatro amigos gargalhando. Um novo corte e, em primeiríssimo plano, vê-se o charuto de Cascudo. Concluindo, a palavra FIM ao lado da capa do livro *Prelúdio da cachaça*. Ouve-se, então, um coco.

Numa mesa de bar, quatro amigos conversam.

Ruídos ambientais. Na parede, gravuras

de J. Borges e Ciro Fernandes.

Tarcísio Gurgel, com uma camisa do Flamengo, em tom decididamente declamatório: "A

Cinepoema de Moacy Cirne



cachaça foi a revelação gostosa e catastrófica para pretos africanos e amerabas brasileiros. Dissolvente dinástico, dispersador étnico, perturbador cultural. Graças ao álcool o mercado africano exportador da escravidão prolongou-se, resistindo às repressões. A circulação interna do escravo negro na África veio às portas do século XX”.

Anchieta Fernandes, com um livro de poemas eróticos entre as mãos, em tom quase intimista: “Anoiteceu. Na moldura do oco no tronco da mangueira o vulto claro de Sôfia aparece. As asas escuras, ferrugem com tintas de canela, destacam o papo alvaco, com listas horizontais feitas com tinta delicada de negro-pálido”.

Jota Medeiros, olhando para o vazio, em tom místico: “Cariapemba é a entidade maléfica para os escravos africanos. Caribé ou carimé, carimbé, é a bebida feita de água fria, em que foi espremido um fruto qualquer ou foram desmanchados uns ovos crus de tracajá ou tartaruga, misturada com farinha de mandioca. Carimbá é a bebida refrescante feita com água, mel de abelhas e farinha de mandioca”.

Dailor Varela, rabiscando um papel amarelo, em tom indiferente: “As histórias da literatura fixam as idéias intelectuais em sua repercussão. Idéias oficiais das escolas nascidas nas cidades, das reações eruditas, dos movimentos renovadores de uma revolução mental. A substituição dos mitos intelectuais, as guerras de iconoclastas contra devotos, de fanáticos e céticos, absorvem as atividades criadoras ou panfletárias”.

*No meio da seqüência, em planos rápidos,
entrecortando as falas,
três frases – letras vermelhas, fundo amarelo
– ocupam toda a imagem:
LEIA OS FILMES
ESCUTE AS FOTOS
VEJA OS LIVROS*

*Ponta Negra, à noite. Cenas diversas de ruas
e bares. E da praia.
Ouve-se, ao longe, um forró pé de serra.*

Voz de mulher, pausada, quase cantante: — O filme sobre Cascudo será mais do que um documentário, será mais do que uma ficção, será mais do que um programa de televisão. O filme sobre Cascudo será um meta-sonho. Conterá a poesia do folheto de cordel e o realismo da crítica social, mesmo levando em conta os equívocos políticos do Mestre. Não será cinema no sentido semiótico da expressão conceitual; nem tampouco será vídeo ou livro. Será um filme: lugar privilegiado do metapoema, aberto à investigação da linguagem cinematográfica. E dos nossos sonhos mais delirantes: uma salada tropical com tempero sertanejo. Uma salada capaz de incluir o teatro de Brecht e Racine Santos, a poesia de Maiakóvski e Jarbas Martins, o cinema de Godard e Jussara Queiroz.

*Ponta Negra, pela manhã. Uma criança corre
pela areia da praia, em direção à câmera.
O som das ondas. O som do vento.
O som das cores.*

No aeroporto, a mesma criança corre em sentido contrário à câmera, para uma pequena multidão. No meio da multidão, o folclorista Câmara Cascudo (interpretado por Sanderson Negreiros). Abraços calorosos em Mário de Andrade (Nei Leandro) e Ascenço Ferreira (Celso da Silveira).



No mesmo grupo, Jorge Fernandes (interpretado por Luís Carlos Guimarães). Além de Auta de Sousa (Diva Cunha), Zila Mamede (Marise de Castro) e Deífilo Gurgel (como Deífilo Gurgel).

Um pouco mais afastados, Falves Silva, Lima Barreto e Hélio Oiticica observam, atentos. *Ruídos ambientais, abafados pela narração de um gol da seleção brasileira contra os marroquinos, na Copa de 98.*

*Continua a narração do jogo:
Fotos antigas de Natal misturam-se com cenas de carnaval de rua: anos 50, na Deodoro.*

*Corte para algumas páginas
do Dicionário do folclore brasileiro,
em sucessão lenta, permitindo sua leitura.*

Voz de Rosenberg: — Hoje, o Brasil é só uma soma de dificuldades, perdas, impossibilidades e angústias. O velho compromisso com a lealdade, com o saber e com a política (que pode e deve ser bem humorada, como ensinava Brecht) foi substituído por uma relação enfeitada e harmônica com a não-imaginação política. E aí fomos de tacape para a TV numa espécie de valorização significativa da infelicidade. Eu ousaria dizer que a TV foi o antídoto contra a revolta do início do cinema novo com o cinema experimental. Deu no que deu. E aí temos um país opaco, dependente, diluidor, miniaturizado no seu saber (vide a administração Weffort) e autoritário. O espaço está tomado pela palidez da tal “arte feliz”, onde nossa única função está em adormecer desejando um novo encontro metafórico com as “estrelinhas sedutoras” que só tomam vulto (ainda que artificial) na imobilidade mental do outro. Ou seja, o espaço está tomado pela merda oficial e ponto final. [As últimas palavras são, aos poucos, abafadas pelo som de um xaxado. A própria imagem do texto começa a se fundir com a palavra VIDA.]

Mesa de bar. Os quatro amigos riem
gostosamente.
Contam piadas.

Na mesa ao lado, Leon Góes (no papel do próprio) ostenta um grande cartaz:
BAITA BAITOLA BOM DE BOLERO.
No meio do salão, um sujeito dança uma rumba. Close, em contra-plongé, no charuto de Cascudo. Abruptamente, a palavra FIM toma conta da tela. E uma voz (feminina) se faz ouvir com intensidade:

O folclore é o folclore é o folclore. Um coco é um coco é um coco.

Nossas danças populares são verdadeiras
cachaças sonoras e coreográficas.

A oralidade do cantador rompe com as barreiras da feira e do cordel. O imaginário popular espalha-se a partir da religiosidade mítica que alimenta os excluídos da sociedade, redimensionando a sua própria condição humana.

“A literatura folclórica é totalmente popular mas nem toda produção popular é folclórica. Afasta-a do Folclore a contemporaneidade”, já dizia Cascudo.

Tudo é verdade, tudo é mentira, tudo é imaginação. Tudo é cinema.

Aos poucos, a palavra FIM se funde com as areias das dunas de Genipabu.

E nelas, corpo contra corpo, um casal faz amor: a câmara se aproxima até focalizá-los em planos médios.

Nova fusão, dessa vez com as imagens iniciais de *Hiroshima, meu amor*.

As imagens são as do filme de Resnais, mas o som é outro: o do final de *Deus e o diabo na terra do sol*.

Corte para vista aérea de Natal, com a mesma trilha sonora da cena anterior. A tomada aérea se funde com a imagem da Igreja do Galo,

até aparecer na tela as palavras
E TUDO COMEÇOU

COM
MÁRIO DE ANDRADE
E

LUÍS DA CÂMERA CASCUDO
Som de coco.

“Cirne faria por inteiro o percurso de Poema/Processo e posteriormente voltaria ao texto”

CINEMA PAX

“O poeta bêbado de auroras, cansado da cidade grande, revisita Caicó, no sertão do Seridó”

Décio Galvão

Os poemas dirigíveis de Moacyr Cirne

CINEMA PAX

achia

A poesia concreta seria lançada no final dos anos cinquenta. As suas primeiras manifestações oficiais levaram as assinaturas de Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, Wladimir Dias-Pino, Ferreira Gullar... (.) No início dos anos sessenta haveria a cisão entre o grupo Noigandres liderado por Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos com Ferreira Gullar e Wladimir Dias-Pino. Ambos sairiam em linha própria. O primeiro lançaria a Poesia Neo-Concreta e o segundo o Poema/Processo. Lançado em 19 no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Norte o movimento do Poema/Processo definiu-se por um núcleo básico ao nível teórico e produtivo : além de Wladimir Dias-Pino; Álvaro Sá (RJ) e Moacyr Cirne (RN) residindo definitivamente na capital carioca desde 1967. A época a editora “Vozes” abriria possibilidades de divulgação em âmbito nacional de seus fundamentos teóricos através desses e outros poetas. O lema determinante era “espantar pela radicalidade” poética apresentando uma poesia visual decorrente de processos ou projetos seriais de apropriação ou não. Era a desarautização benjaminiana, Cirne faria por inteiro o percurso de Poema/Processo e posteriormente voltaria ao texto, a palavra poética por excelência. Esta prospecção textual, vocabular o levaria a produzir o “CINEMA PAX” (1983) e a escriturar poemas com um certo tom alegórico. Uma alegoria sustentada na condição do atraso e do moderno encetando uma leitura da sua experiência intelectual e vivencial.

O livro “Cinema Pax” inicia-se pela capa cuja película anuncia o nome do autor e em caixa alta, plano fechado, o título “CINEMA PAX”. Um anti-prefácio podendo lê-se: “uma viagem literária e cine maníaca”. Interferências caligráficas do autor sobre texto impresso industrialmente, não nominado relacionando Gramsci, Sartre, Marx, Engels. Estando estruturado em três partes:

Primeira – “O poeta bêbado de auroras, cansado da cidade grande, revisita Caicó, no sertão do Seridó : a cidade de suas infâncias adormecidas.”

Segunda – O poeta fingidor de sonhos, recorda o velho Cine Pax, na praça da Liberdade, em busca dos filmes perdidos - passados e futuros - .

presentei o exemplo de Gramsci e o de Colletti, mas isso não significa que sejam os únicos exemplos possíveis de variações teóricas da mesma problemática teórica a problemática do historicismo. Uma problemática não impõe de modo algum variações absolutamente idênticas aos pensamentos que atravessam o seu campo: podemos atravessar um campo por vias muito diferentes e, assim, podemos abordar sob ângulos diversos. Mas o fato de que os caminhos são diferentes não implica que os resultados sejam idênticos, que produz efeitos diferentes quanto sejam diferentes os pensamentos que a enfrentam: no entanto, todos esses efeitos têm em comum certos aspectos idênticos, no que são efeitos de uma mesma estrutura: a da prática e da consciência. Para dar um exemplo paradoxal disso, todos sabem que o pensamento de Sartre não provém de modo algum da interpretação do marxismo, pois Gramsci tem origens muito diferentes. No entanto, quando Sartre se aproxima do marxismo, deu-lhe imediatamente, por motivos que lhe são peculiares, uma interpretação historicista (embora ele recuse esse batismo), ao declarar que as grandes filosofias (cita a de Marx depois das de Locke e de Kant-Hegel) são "insuperáveis na medida em que não foi superado o momento histórico de que elas são a expressão" (*Critique de la Raison Dialectique*, Gallimard, p. 17). Verificamos aí, numa forma peculiar a Sartre, as estruturas da contemporaneidade, da expressão e do insuperável (o "ninguém pode saltar além do seu tempo" de Hegel), que, para ele, representam especificações de seu principal conceito: a totalização – mas que, todavia, sob as aparências da especificação desse conceito que lhe é próprio, realizam os efeitos conceptuais necessários do encontro dele com a estrutura da problemática historicista. Esses efeitos não são os únicos: não admira ver Sartre descobrir por seus próprios meios uma teoria dos "ideólogos" (*ibidem*, 17-18) (que ele mesmo e comentam a grande filosofia, e a introduzem na vida prática dos homens da próxima sob certos aspectos da teoria gramsciana dos intelectuais orgânicos).¹ menos surpreendente é encontrar em ação em Sartre a mesma redução necessária das diferentes práticas (diferentes níveis distinguidos por Marx), a uma prática única: para ele, em razão de suas próprias origens filosóficas, não é o conceito de prática, mas o de prática em mais, que está encarregado de assumir, ao preço de inúmeras mediações" (Sartre é o filósofo das mediações por excelência, elas tem justamente por função assegurar a unidade na negação das diferenças), a unidade da

Terceira – O poeta inquieto volta a cidade grande e se transforma num guerrilheiro do texto. Até quando. Pax será uma simples palavra (perdida no poema)?

Algumas titulações poéticas chamam a atenção: Chapliniana; Antoniana; Eisensteiniana; Gordardiana; Glauberiana; Rosemberguiana... São evidentes pistas da sua formação visual, imagética traduzidas neste livro cinematográfico ou cine-livro. Por coincidência, seu sobrenome traz embutido o anagrama CI(R)NE mas não é casual a permanente tensão entre cinema e literatura e vice-versa. A impressão imediata é a de um roteiro ou "script". Recortes de filmes – as ilustrações são fotogramas –, dentro de um filme-livro. A cidade do interior (Caicó) na região do Seridó no nordeste brasileiro reflete emblematicamente uma realidade sociológica discrepante em estrutura fundiária, agrária com uma pecuária extensiva a sofrer toda dificuldade por uma ausência de política agrícola e ecológica adequada. Daí, existem as decorrências concentradoras econômicas e sociais. Entretanto, vem a ser esta cidade o elo possível com a outra, o Rio de Janeiro, o divisor sentimental e formador da viagem poética desse escritor comprometido por um saudoso e ufano discurso crítico: sua própria leitura, a leitura de si mesmo. Seria no dizer de Roberto Schwarz¹ o "moderno-de-província, o moderníssimo", encontrando-se. A vida-obra transitando entre Caicó-RJ/RJ-Caicó, sem cronologia e sem tempo ou espaço.

Nos poemas "Cinema PAX" e "Cinema PAX (2)" o aspecto memorialístico sugere o passado, o presente, e o futuro no jogo do pensar dialético. Suas primeiras informações visuais, seu texto presente (o próprio livro) e a projeção ou perspectiva daí para frente:

CINEMA PAX

ENTRE PEDRAS SONOLENTAS,
O PAX EXISTIU
NÃO EXISTEM MAIS
TARZANS DE ONTEM
QUE NÃO VOLTAM NUNCAIS

CINEMA PAX (2)

NA PRAÇA DA LIBERDADE
O SEU CLÓVIS
VENDIA ILUSÕES DEMOCRÁTICAS
APRESSADOS
PERCORRIAMOS
A RUA SERIDÓ
EM BUSCA DE EMOÇÕES MUDAS
E TRANSPARENTES
NOS VELHOS FILMES DA REPUBLIC.

A "fórmula fácil" e objetiva revelando um traço moderno e característico nos poemas inserindo a temática sentimental no melhor empenho, encontra uma singularidade não-clicherizada e virtualmente desalienadora. O poeta circunavega no passado essencialmente de memória visual e num caminho de retorno construtor. Os elementos básicos composicionais dos poemas são: o cinema, pedras sonolentas, a praça, Seu Clóvis, garotada de amigos da infância, a rua Seridó. A casa de exibição cinematogr

¹ Para que o moderno-de-província, o moderníssimo e o arcaico se acomodem, é preciso que se encontrem. Roberto Schwarz, "A carroça, o bonde e o poeta modernista". Texto xerografado.

“Conheço Cascudo, leio Cascudo, enfim, utilizo Cascudo como explicações em minhas lições”

TRÍDUO CULTURAL

“Cascudo conhecia muito bem as fontes primárias e secundárias do **melting pot** brasileiro”

Joana Lima

Augusto Mesquitela Lima



Nelson Patriota

O antropólogo cabo-verdiano/português Augusto Mesquitela Lima sonha com um tempo em que o mundo lusófono, através de seus dois pilares maiores que são Portugal e Brasil, estreite seus laços culturais, a fim de que seus povos possam se reconhecer mutuamente como iguais, não obstante suas diversidades regionais, suas idiossincrasias e singularidades. Guia do antropólogo Luís da Câmara Cascudo quando de sua visita a Angola, em 1963, Mesquitela Lima viu, desde a primeira hora, que estava diante de um homem especial, que

reunia erudição e sensibilidade, capacidade igual para a pesquisa e a síntese, enfim, um cientista social à altura dos desafios das ciências humanas do seu tempo. Desde então, sua admiração por Cascudo só tem feito crescer. Nesta entrevista exclusiva ao jornalista Nelson Patriota, editor de O GALO, o antropólogo luso-cabo-verdiano detalha aspectos relevantes da obra cascudiana, como quando Cascudo analisa o complexo etnocultural brasileiro, - que ele denomina de **melting pot** da sociedade brasileira - reitera a necessidade da universalização dessa obra e aponta caminhos para encurtar as distâncias intelectuais dentro do bloco de países lusófonos.

Cascudo e o "melting pot" brasileiro

O GALO - Quando o senhor esteve pela primeira vez com Câmara Cascudo?

Augusto Mesquitela Lima - Foi em 1963, quando Cascudo viajou a Angola. Muitos intelectuais estiveram com ele, mas eu o acompanhei com mais frequência. Levei-o a museus, a sítios históricos, etc. Cascudo ouvia e tomava notas, visitou muitos sítios. Primeiro, visitou o Museu de Angola, que tinha, de fato, um acervo muito grande, e viu alguns monumentos antigos - a igreja de Luanda, que foi mandada fazer por Paulo Dias Novais em 1531. A colonização de Angola começou na primeira viagem do Paulo Dias Novais, por volta de 1530, o qual mandou ainda erigir o Forte Paulo Dias Novais, e outros monumentos que foram ficando.

O GALO - Além do senhor, com que outras pessoas Cascudo entrou em contato em Angola?

A. M. L. - Em primeiro lugar, com os intelectuais. Ele ia à casa de um intelectual de quem ele fala muito, que era o Oscar Ribas, cego, e que ainda vive. Um homem que conheci já cego, mas que publicou muita coisa sobre os nativos, já que falava muito bem a língua quimbunda, dos ambundos, grupo étnico que tem sua localização em toda a zona de Luanda, e faz fronteira com os bacongos. Angola tem muitos grupos étnicos, oito ou nove, são bantos, os boxemans, ou bosquímanos, como se diz por aí. Eu não gosto de empregar esse termo porque eles não são homens dos bosques. Eles foram chamados "bushmen" pelos ingleses, referindo-se a homens que viviam entre os arbustos. Pelo contrário, são homens do deserto. O Câmara Cascudo contactou gente que conhecia a etnologia de Angola, e foi àqueles pontos mais interessantes, sobretudo no sul de Angola, e especificamente, à região diamantífera, onde visitou o Museu do Dundo, que era o museu da Companhia de Diamantes de Angola.

O GALO - Quanto tempo Cascudo passou em Angola?

A. M. L. - Cerca de um mês e meio. Ele trabalhou muito, foi às instituições culturais, aos mercados, conversou com muita gente, e nós acompanhamos, percebemos que ele era um intelectual de grande importância, lhe demos muito apoio e, posteriormente, mantivemos uma correspondência com ele. Ele pedia e nós lhe mandávamos os livros que tinham sido publicados em Angola. E assim conheci Cascudo.

O GALO - O senhor tinha algum conhecimento prévio sobre Cascudo?

A. M. L. - Sim, antes eu já havia lido alguns livros, alguns artigos deles, mas eu não conhecia o Cascudo em profundidade como hoje conheço. Mas não sou um especialista em Cascudo; conheço Cascudo, leio Cascudo, enfim, utilizo Cascudo como explicações em minhas lições.

O GALO - Como o senhor vê a relação de Cascudo com Portugal e África?

A. M. L. - Cascudo conhecia bem o **melting pot** brasileiro, essa sociedade compósita brasileira, mas Cascudo queria compreender muitos fenômenos que ele sabia que eram relacionados com Portugal e com África. Antes, muito antes, Cascudo já tinha lido muito os portugueses - não só os escritores, mas alguns chamados etnógrafos - conhecia o folclore português do século passado, - o caso do Teófilo Braga, por

exemplo -, mas também alguns cronistas antigos portugueses, e até alguns escritos sobre cultura popular portuguesa, como os do século de Trancoso, até acabar em outros mais recentes e chegar aos escritores do fim do século que começaram a trabalhar e ter uma certa preocupação com esse tema. É o caso de Alexandre Herculano com *Lendas e Narrativas*, e também de Leite Vasconcellos, no princípio deste século até o princípio dos anos 40. Vasconcellos é considerado um *monstro* da etnografia lusitana. Cascudo conhecia todos esses autores.

O GALO - Como Cascudo lidou com esse **melting pot** cultural?

A. M. L. - Para compreender o **melting pot** da sociedade brasileira ele teve, primeiro, de apoiar-se na literatura portuguesa, e fê-lo, portanto, um vértice de um triângulo: cultura brasileira, cultura portuguesa e cultura de certos povos da África, sobretudo da África ocidental, os traços culturais que os bantos sudaneses deixaram aqui no Brasil. Esses traços ainda hoje são muito claros, muito transparentes. Nesse triângulo, Cascudo andou à vontade, passava de um vértice para outro. Ele conhecia bem os costumes de povos africanos, como os gegés e os nagôs, e aprofundou trabalhos feitos por antecessores, como Nina Rodrigues, entre outros. Em todos os livros de Cascudo a gente vê, muitas vezes de maneira clara, outras vezes de uma maneira, não digo esfumada, menos clara, referências à cultura portuguesa e à cultura africana.

O GALO - Cascudo realizou bem esse trabalho?

A. M. L. - Sim, Cascudo realizou bem esse projeto de esclarecer nosso **melting pot**. Sobretudo certos costumes, como a alimentação, como ele mostra num livro extraordinário chamado *História da Alimentação no Brasil* - de fato, ele foi um gênio na alimentação.

O GALO - O Sr. considera que Cascudo também deixou uma contribuição teórica importante ou se limitou apenas a ser um bom pesquisador?

A. M. L. - Muita gente não fala nos aspectos teóricos que Cascudo deixou. Ele deixou um grande livro, *Civilização e Cultura*, um livro que, na minha opinião, deveria figurar numa lista de livros relacionados com a epistemologia antropológica, etnológica, como quiser. Cascudo, tem uma coisa interessante, ele dizia que não queria fazer teoria, mas sempre que ele começava um trabalho, falava do ponto de vista teórico, situando as idéias que ele tinha, os fenômenos que observava, ampliando as teorias relativas a esses assuntos. Na sua magistral *História da Alimentação no Brasil* ele começa justamente teorizando. Esse capítulo deveria ser publicada em toda a parte para toda a gente ler! É uma das leituras mais fundamentais para se compreender a cultura brasileira, e também certos aspectos da cultura mundial. É um livro que, na minha opinião, toda a gente deveria ler.

O GALO - Nesse livro existe uma teoria da cultura?

A. M. L. - Sim. Ainda existe muita confusão sobre o que é civilização e o que é cultura. Cascudo tenta esclarecer muitas coisas. A partir do livrinho, (livrinho, não, eu considero um livrão), dos ensaios que ele apresenta em *Canto de Muro*, em que ele faz uma incursão na zoologia, descreve certos animais, como o Quiró (morcego) e ensina mais do que os zoólogos. Os zoólogos se limitam a fazer descrições puramente

físicas dos animais, e não dizem o que o animal faz, se ele é nocivo ao homem ou não, o Quiró mostra claramente que o morcego é um animal muito interessante que presta muitos serviços ao homem. O elemento etológico é fundamental em Cascudo, quando ele se refere a certos animais que ele estuda como parte do estudo do comportamento dos homens. O Cascudo foi um homem completo. Cascudo, muito antes da ciência adotar o paradigma da transdisciplinaridade já antecipava essa forma de pensar, em minha opinião, quando ele via os costumes, quando ele olhava para certos complexos humanos, sobretudo aqui no Brasil. Ele já olhava de uma maneira transdisciplinar. Em alguns ensaios de *Canto de Muro* isso está claro. Em entrevistas que ele dava ele dava definições extraordinárias.

O GALO - Que outros aspectos importantes resultaram da viagem à África?

A. M. L. - Cascudo conhecia muito bem as fontes primárias e secundárias do **melting pot** brasileiro. Se não, ele não teria escrito obras extraordinárias, como a *História do Rio Grande do Norte*, onde ele integra os eventos os mais diversos, dentro do espírito da Escola dos Anais francesa. Cascudo vai situando a história em contextos cada vez mais amplos, dando ao leitor a oportunidade de perceber o porquê daqueles fatos que estavam acontecendo.

O GALO - O que Cascudo foi buscar na África?

A. M. L. - Cascudo foi buscar na África coisas que ele já conhecia, porque ele havia lido quase tudo de importante que havia sobre o tema. Muita coisa ele foi constatar. Mas as leituras foram fundamentais. Por exemplo, Cascudo conhecia os grandes antropólogos alemães do século passado, como Fobroenius, um historiador que escreveu 22 volumes sobre a literatura oral africana. Não existe ainda hoje tradução dessa obra em português. Existe apenas uma edição condensada em francês. Mas Cascudo cita Fobroenius, que ele, certamente, lia no original. Creio até que ele esteve na Alemanha, aproveitando alguma viagem que fez à França ou à Itália. Lei também Alexander von Humboldt, o francês Vidal de Lablache. Enfim, Cascudo conhecia tudo. E ainda o chamam de provinciano. Não aceito isso. Só por que ele vivia em Natal? Não, Cascudo era um homem universal, que tinha conhecimentos, basta ver as cartas que ele trocava com toda a gente, provinciano talvez por residência, mas não por mentalidade; por maneira de ver as coisas da vida, ele era um universalista.

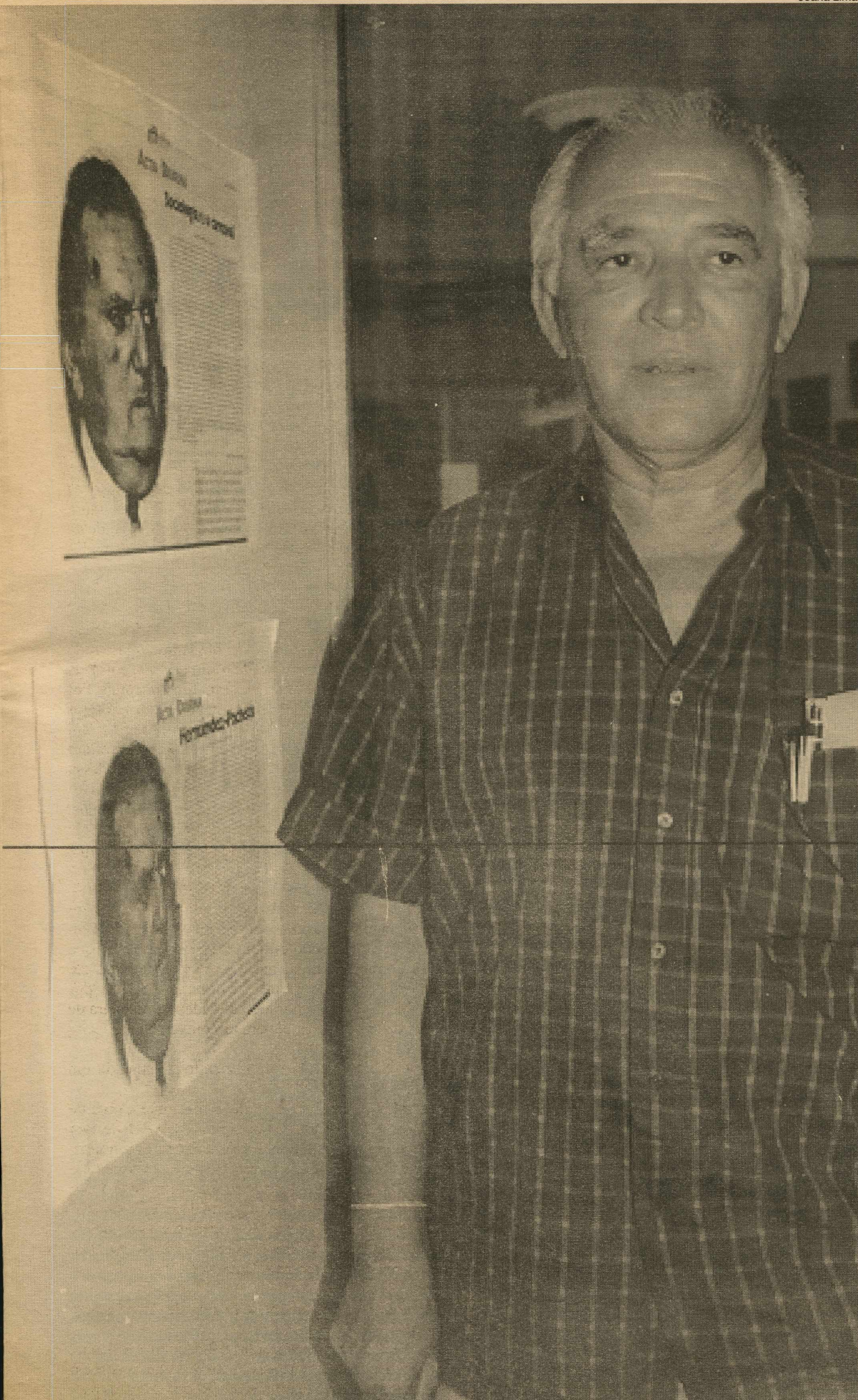
O GALO - A obra de Cascudo é estudada em Portugal?

A. M. L. - Infelizmente, devo dizer que a obra de Cascudo é conhecida só por alguns. Na verdade, não se encontra nenhuma obra de Cascudo nas livrarias. Orlando Ribeiro, meu professor conhecia Cascudo, o Jorge Dias também conheceu Cascudo, José Leite Vasconcelos também, que era professor, o "monstro" da etnografia portuguesa. Os africanistas portugueses, os cronistas, Antonio Oliveira Cadornega, que descreveu as guerras angolanas, ele cita.

O GALO - Como foi sua saída de Angola para Portugal?

A. M. L. - Dei muitas aulas sobre cultura africana, sou um africanista, gostaria de ter dado aulas sobre o Brasil, mas não tive oportunidade. Recebi convites para vir ensinar no Brasil, mas o regime salazarista não deixou. Vim da guerra de Angola (para Portugal) em

Joana Lima



O antropólogo Augusto Mesquita Lima critica "um certo laxismo" dos intelectuais portugueses e brasileiros.

1965 e introduzi a cadeira de África na Universidade Nova de Lisboa. Toda a antropologia portuguesa é baseada em estudos da África Central, Angola, Moçambique etc.

O GALO – Quais as obras que o Sr. publicou?

A. M. L. – Publiquei muitas obras: *Teoria Antropológica*, *Introdução À Antropologia Cultural*, *Antropologia Do Simbólico*, mas no Brasil só publiquei artigos.

O GALO – Em sua opinião, qual a razão dessa distância cultural entre Portugal e Brasil?

A. M. L. – Há um *je m'en foutismo* (de *je m'en fou*) um termo que os franceses utilizam para dizer "eu lá quero saber disso!", que explica isso, um certo laxismo por parte dos intelectuais portugueses e brasileiros. Os intelectuais portugueses falam do Brasil, como aqui falam dos escritores portugueses com respeito, como o José Saramago, Antonio Lobo Antunes, José Cardoso Pires. Esse intercâmbio quase permanente deveria ser uma coisa natural. Mas o Brasil tem uma cultura construída à luz de paradigmas lusitanos, e um dos paradigmas lusitanos é o de não tratar de um assunto imediatamente, deixar para os idos, e no Brasil também há disso. A gente vai fazer isso, vai fazer, entra num processo de laxismo, e finda esquecendo a coisa.

O GALO – O que fazer contra isso?

A. M. L. – Acho que seria importante os intelectuais tomarem consciência disso e fazerem alguma coisa. Por exemplo, dizer aos políticos que isso tem de mudar. A CPLP (Comissão de Países de Língua Portuguesa) surgiu, mas a gente vê o pouco que ela faz. Agora tentaram introduzir mudanças na Guiné, mas não teve um êxito completo. É preciso que os intelectuais façam um intercâmbio.

O GALO – O que Portugal lê do Brasil?

A. M. L. – Sobre os grandes romancistas, Jorge Amado, Paulo Coelho, e há uma editora de livros brasileiros em Portugal. Os estudantes de minha especialidade lêem muito do Brasil. O Brasil traduz muito, às vezes as traduções não são muito boas. Mas traduz.

O GALO – Qual a importância de um maior intercâmbio entre portugueses e brasileiros?

A. M. L. – Haveria uma aproximação maior entre os intelectuais de ambos os países. Começar a contatar sem dar cavaco aos políticos. É evidente que qualquer governo tem essa função. Mas os intelectuais é que devem construir essa unidade. Temos ligação com a USP, com a UFRN. Mas ainda é muito pouco. Os brasileiros também pouco sabem o que acontece em Portugal. Isso explica, em parte, o desconhecimento de Cascudo em Portugal. Mas Cascudo é tão grande que deveria ser mais conhecido, inclusive aqui no Brasil. E se isso não acontece a culpa é dos próprios brasileiros.

O GALO – Quem pode fazer essa reaproximação entre Brasil e Portugal?

A. M. L. – Acho que os intelectuais. Eles precisam fazer essa cooperação. Se Portugal e Brasil estivessem unidos, o Brasil tinha tudo a lucrar, haja vista a Unidade Européia, porque a Europa vai ser muito em breve um mercado extraordinário. E o Brasil se beneficiaria disso com uma aproximação maior com Portugal. Isso também seria bom para Portugal e arriscaria dizer que a Europa teria a lucrar com isso.

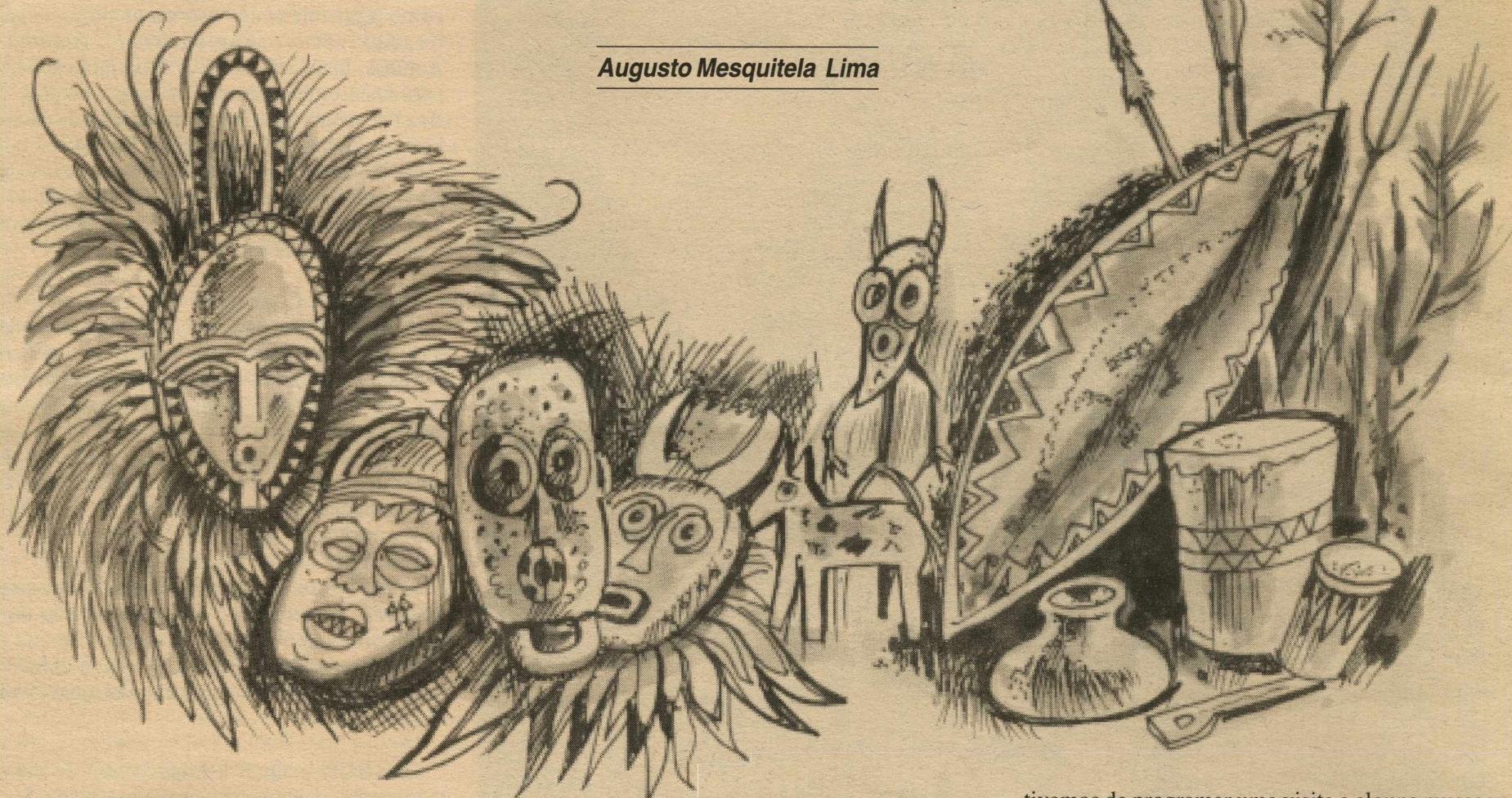
“...um Prof. brasileiro que vinha visitar Angola: chamava-se Luís da Câmara Cascudo”

ENSAÍSMO

“(Cascudo) era um mago da palavra, uma pessoa dotada de uma racionalidade transparente”

Portugal e África na obra de Câmara Cascudo

Augusto Mesquitela Lima



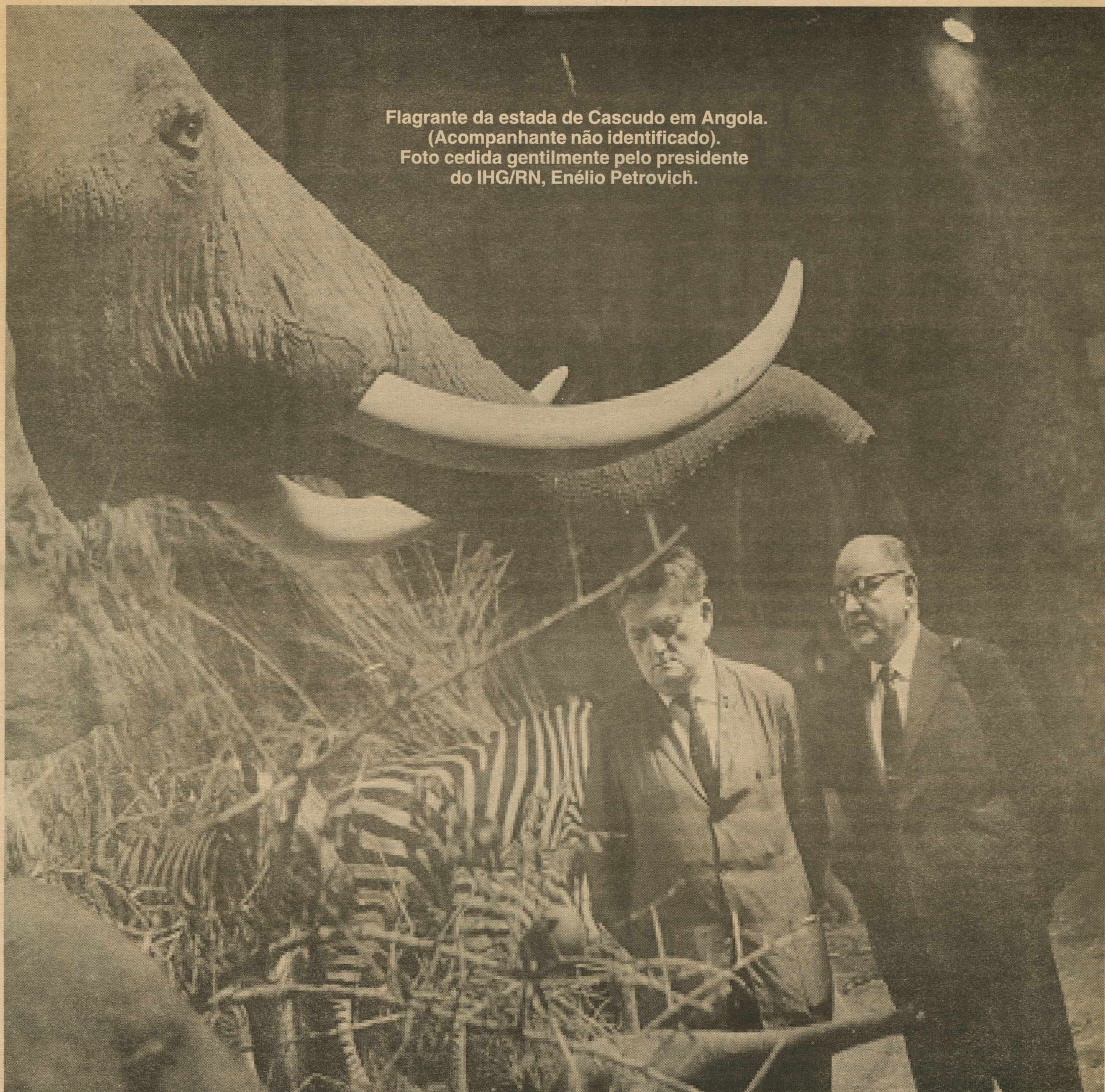
Coube-me a honra, por amável convite da FUNCART, de falar sobre aspectos da obra do nosso Mestre Cascudo relacionados com Portugal e África. E sublinho aspectos, por que apenas vou tentar tratar daqueles que considero paradigmáticos para se compreender a atitude e a postura de Cascudo face a compósita sócio-cultura brasileira em que entraram, predominantemente, três influências importantes, para além de outras, que não considero somenos - francesa, alemã, holandesa e, por fim, japonesa. Esses tais três apporti são: influências reinóis (Portugal), índias (ameríndias) e africanes (África Sudanesa e Banta).

1 Antes disso, porém, falarei do homem. No ano da graça de 1963, sendo eu segundo Assistente do Instituto de Investigação Científica de Angola, instituição de pesquisa, que deixou obra válida no país, recebi do Diretor ordens para ir esperar no aeroporto um Prof. brasileiro que vinha visitar Angola: chamava-se Luís da Câmara Cascudo. Fiquei satisfeito com a notícia, pois já tinha lido algo sobre ele e, sabia também, que era considerado um dos melhores folcloristas do mundo. Do avião, vi descer um indivíduo de fato claro, a atirar pra o béje, chapéu as três pancadas, também de cor clara, e quando o tirava, via-se uma farta

cabeleira de cor prata dourada, sal e pimenta, olhos azuis penetrantes quando nos fixava para ouvir qualquer informação. É claro, sempre com um charuto meio apagado no canto da boca. Vinha um pouco cansado, depois de 12 horas de voo de Lisboa a Luanda; deixamo-lo no Hotel Universo, ao tempo um dos melhores de Luanda, com a promessa de ir ter com ele, todos os dias, depois do café da manhã, com o objetivo de mostrar a bela cidade de Luanda daquele tempo e as instituições de pesquisa, bibliotecas e arquivos que queria conhecer. Para além disso queria conhecer, igualmente, como o indígena vivia. Para isso,

tivemos de programar uma visita a alguns musseques (bairros indígenas semelhantes às favelas do Rio). Às nossas conversas estavam sempre presentes outros assistentes do IICA, tais como o Lopes Cardoso (já falecido) e o célebre arquiteto Batalha, nome muito ligado à História de Angola, em particular, aos monumentos considerados patrimônio histórico e, por isso, tombados e interditos de serem destruídos, em nome de uma modernidade que mór vezes modifica e não preserva ou conserva. Nas nossas conversas matinais e, frequentemente, vespertinas, fui conhecendo melhor o homem Cascudo. Era um indivíduo fascinante com uma cultura e erudição astronômica, conversador espantoso, sempre com uma graça na ponta da língua quando contava as origens de certos costumes e fenômenos humanos. E digo bem: certos fenômenos humanos porque a cultura e sabedoria que possuía não se limitavam à sua própria cultura brasileira, um melting pot de apponts ou traços do Português, do Índio, do Negro Africano e de outros mais. Ultrapassava todos os limites. Ao fim de alguns dias de convivência, verifiquei que tinha à minha frente uma espécie daqueles enciclopedistas do século XVIII ao dos grandes eruditos dos fins do século XIX e

Flagrante da estada de Cascudo em Angola.
(Acompanhante não identificado).
Foto cedida gentilmente pelo presidente
do IHG/RN, Enélio Petrovich.



princípios deste século, que se encarnara em Cascudo para deleite de pessoas interessadas como nós. Sabia tudo: falava do passado, do presente e tantas vezes se referia ao futuro com a certeza de um profeta ou mesmo de um mago. Mago da palavra, do discurso ordenado com uma racionalidade tão transparente que, por vezes, parecia convencer e não esclarecer. O seu intuito era sempre científico, não utilizando retóricas convencitivas que impõem formas ideológicas que não estavam no seu espírito, dizia-me ele. Para mim, Cascudo, homem do seu tempo, era um cientista, um

intelectual, um filósofo, um poeta e, sobretudo, um homem de ciência que procurava compreender a sua cultura popular, o folclore do seu país e, muito particularmente, do seu Rio Grande do Norte. Aliás, como ele próprio disse ao Carlos Lyra numa conversa: "O que me interessa é a vida do povo na sua normalidade, como ele vive, as manifestações de legitimidade social. Dedico-me a descobrir as permanências da vida brasileira". Esta frase é lapidar e assenta como uma luva às atividades e processos da Antropologia, da Etnologia e da Sociologia e,

respectivamente, dos discursos e construções dos Antropólogos, dos Etnólogos e dos Sociólogos. Que verbo ou verve, que lição teórica mais sábia!? É claro que somente muito tempo depois de 1963 é que comecei a compreender Cascudo, a sua grandeza e largueza de espírito e a sua tamanha erudição e saber. Saber de experiência feito, dizia ele. Prática de trabalho de campo ou observação participante, método de trabalho etnográfico que o grande Malinowski nos veio legar por volta de 1912 e que vai, por muitos anos, autenticar o Antropólogo ou Etnólogo: só os que tivessem passado

pelo terreno, poderiam ser considerados como tais. Certamente, Cascudo terá lido as maiores autoridades em antropologia do seu tempo, em particular, Malinowski, já referido, professor polaco ao serviço da Inglaterra na Ilhas Trobriand do Pacífico. Daí o fato de ir às fontes e andar por todo lado à procura de elementos, traços ou complexos que pudessem esclarecê-lo cada vez mais nas suas proposições históricas, folclóricas, geográficas, filológicas e até linguísticas. A sua visão da cultura dos homens era muito ampla e procurava situar os elementos e colhia e recolhia em círculos ou contextos cada vez mais amplos e alargados. Se me é permitido utilizar uma fórmula geométrica, a visão do homem Cascudo era a de uma esfera, cujo volume é $\frac{4}{3} R$, em que o R não tem medida: é imenso ou incomensurável.

2 É claro que num curto espaço de tempo de uma pequena conferência de painel, não vou ter possibilidade para citar ou referir o melhor que Cascudo deixou. Tudo nele é bom e útil. Gostei tanto da História do Rio Grande do Norte em que aparece como cientista rigoroso e probo, historiador cauteloso, fundamentando tudo através de fontes em que não deixa de se apoiar, como que a demonstrar-nos que o seu discurso não é apenas construído com dados que constam da fonte em si, mas articulando e referenciando eventos circundantes, integrando-os como fizeram os grandes historiadores franceses da Ecole de Annales, tal como Marc Bloch, Henri Pyrenne e mais recentemente Braudel e que, certamente, Cascudo terá lido e bem. As qualidades de etnógrafo, de etnólogo, de antropólogo e de sociólogo são sobejamente conhecidas, com obras monumentais como o Dicionário do Folclore Brasileiro, Antologia do Folclore Brasileiro, e História da Alimentação no Brasil, em 2 volumes. Neste domínio, Câmara Cascudo faz-me lembrar certos africanistas alemães do século passado, entre os quais cito apenas Leo Frobenius que escreveu 22 volumes sobre a literatura oral africana e que nunca alguém traduziu da língua germânica, a não ser um pequeno volume, condensado, em língua francesa, que nos dá uma pálida idéia dessa literatura recolhida por aquele etnólogo alemão.

Ainda poderia comparar Cascudo aos eruditos ingleses do fim do século passado, considerados pais da antropologia e de outras ciências sociais e humanas, tais como Edward Burnart Tylor e James Fraser que deixaram uma obra monumental, não referindo a melhor parte dos juristas ingleses da mesma época que dedicaram toda a sua vida a observar e a escrever sobre as múltiplas formas de parentesco no mundo, entre os quais LANG, não marginalizando o americano Lewis Morgan e outros. Como se sabe Tylor foi o inventor do animismo tendo-nos legado uma excelente definição de cultura, que ainda se utiliza; nos seus vários volumes, estudou aspectos interessantes de diversas civilizações e culturas mundiais. Ou de H. Baumann que nos deixou um grande volume sobre os múltiplos grupos étnicos e etnias da África.

3 Gostaria de poder referir, ainda, a mais outras obras de Cascudo que, na minha modesta opinião, são únicas no quadro geral da produção lusófona e mesmo no mundo. Não seria por um curto painel como o nosso. Contudo, não resisto a citar alguns trechos do livro Canto do Muro em que Cascudo revela claramente o seu ecletismo e uma atitude transdisciplinar, pouco vulgar, e que a ciência moderna tem hoje como paradigma e recomenda. Neste admirável livro, muita gente ainda não compreendeu o sentido, inseriu

diversos ensaios não literários, mas científicos, tais como, a Gesta do Grilo, Ka ou a Inutilidade virtuosas, a Estória da Vênia, Proezas do Gô, e o Mundo de Quiró. Este último ensaio é maravilhoso, quase um hino ao quiróptero morcego, descrevendo-o e dando conta de suas características físicas e o seu lado de bom prestador de serviços à humanidade. Cheio de comparações e metáforas, Cascudo, vai desfiando e desfilando informações sobre este animal, tão maltratado pelo povo e muito ligado às atividades bruxantes do célebre "vampiro", Conde Drácula, eterno como o tempo, e chupador de sangue para viver e sobreviver. Esses textos de Cascudo poderiam, perfeitamente, figurar numa enciclopédia ou num tratado de zoologia porque diriam mais ao leigo do que as simples descrições físicas e fisiológicas, duras e sem graça.

4 Em relação a Portugal, Cascudo teve a única atitude que poderia tomar: se queria compreender a cultura compósita de seu país natal e do seu Rio Grande do Norte, teria de mergulhar nela, ir ao fundo e procurar as origens. Origens lusas que os Portugueses foram deixando neste sub-continente desde que Cabral pôs os pés nas plagas das Terras de Vera Cruz. Assim, teve de se voltar e entrar em todos os sistemas da cultura portuguesa, em particular, nos usos e costumes do povo anônimo, no seu folclore, nos ditos populares, nas lendas, mitos e contos que vinham sendo colhidos e compilados por alguns eruditos do século passado e princípios do presente, tais como: Gonçalo Trancoso (mais antigo do século XVII), Almeida Garret, Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcellos (este o grande monstro da Etnografia portuguesa, falecido nos anos 30/40 e pouco mais velho que Cascudo). Quer dizer, o nosso grande mestre conhecia toda a chamada geração de 70 portuguesa, nomeadamente, escritores como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco e outros mais modernos. Também conhecia os cronistas e historiadores mais antigos, como Rui de Pina, Fernão Lopes e outros mais recentes como Alexandre Herculano, o homem das lendas e das narrativas peninsulares, como também Oliveira Martins e Antônio Sérgio que, exilado político, viveu muito tempo aqui no Brasil. Daí que, Cascudo, quando escrevia sobre alguns costumes, hábitos, ditos, festas, rifões, ditados, ritos e mitos populares, etc., deste país, apresentava explicações com tal profundidade e certeza que, quase esmagava as pessoas com a sua sabedoria e conhecimento. Tenho, aqui, de fazer uma ressalva: Cascudo não pretendia esmagar intencionalmente, como muitos que conheço: tentava apenas informar e esclarecer. E fazia-o de tal maneira transparente, fácil e simples, que as pessoas ficavam fascinadas a escutar o seu discurso fluente e pedagógico, com uma racionalidade cartesiana sem igual. Assim, terei de afirmar que Cascudo teve como um dos pilares do seu saber sobre a cultura brasileira, o fato de conhecer bem as fontes lusitanas que impregnam os traços e complexos sócio-culturais deste grande país - Brasil.

5 Um outro pilar em que a atividade científica cascudiana se apoiou, é, indiscutivelmente, o seu conhecimento de determinadas culturas africanas de quase toda a África Ocidental e mesmo até parte da Oriental. O seu sólido saber de certas sócio-culturas africanas, baseada não apenas em leituras dos clássicos europeus africanistas, a partir do século XVI, tais como Duarte Pacheco, Cavazzi da Montecucolo, Mungo Parque, Livingston, Antônio de Oliveira Cadornega,

Serpa Pinto, Capello e Ivens Cameron, etc., mas também de especialistas mais recentes, entre os quais, Pierre Verger, Roger Bastide e um número infindável de outros, que seria fastidioso aqui apontar. A África interessava-lhe, pois, de outra forma, não poderia dissertar, com segurança, sobre os cultos Gêgês e Nagôs e sobre os candomblés e macumbas, tão do gosto dos brasileiros, começados a estudar por Edison Carneiro, o malogrado Nina Rodrigues, falecido longe de sua terra, na Europa, e o inconfundível Artur Ramos.

Quando Cascudo chegou à Angola em 1962, sabia-o muito preocupado com a história da Alimentação no Brasil e julgo já tinha escrito alguns capítulos do livro. Penso mesmo que fora a Angola para completar as suas idéias sobre o sistema culinária brasileiro, sabendo bem que as influências Gêgê e Nagôs neste sistema eram reais, transparentes e facilmente evidentes. Pulou em contato com o escritor cego Oscar Ribas, grande conhecedor dos usos e costumes do nativo da região de Luanda, como D. Ana de Souza Santos, membro do IICA, que andava a preparar um livro de receitas locais e, ainda, com alguns indivíduos de etnia Muxilwanda, habitantes das ilhas à volta de Luanda. Assim, Cascudo inteirou-se de aspectos e técnicas fundamentais do sistema culinário dos Ambundos de Angola que o levou a dar à estampa o trabalho denominado Cozinha Africana do Brasil, que eu próprio publiquei pelo Museu de Angola, 1964, de que era já Diretor. Fundamentou mais as suas idéias sobre a culinária brasileira, em particular, a baiana, sobretudo, comparando os nomes, os conteúdos e as técnicas de confecção de pratos angolanos.

PROBLEMAS

Depois de me referir ao sistema culinário brasileiro e ao africano-angolano, vem à idéia o seguinte:

- a) se repararem, a maior parte dos pratos africanos são confeccionados a partir da mandioca e do milho, que não tiveram o seu berço em África. No sistema africano, pelo menos, no Angolano, que conheço melhor, raras vezes se utilizam os milhinhos (os sorgos). Aliás, cerca de 75% dos alimentos do sistema africano são de origem americana;
- b) sabemos que durante o século XVI os portugueses levaram para a Europa muitas plantas alimentares das Américas (milho, mandioca, batatas, amendoim, etc.) com as quais fizeram ensaios nas Ilhas Atlânticas, Madeira, Açores e Cabo Verde, mais na primeira do que na segunda ou terceira;
- c) tais alimentos foram seguidamente introduzidos na África Continental durante o século XVI, depois dos ensaios que fizemos referência;
- d) sabe-se, também, que a introdução dos complexos alimentares americanos em África, foi qualquer coisa que se alastrou como labaredas em florestas ou savanas secas. O negro africano, assenhorou-se deles, introduziu-as no seu sistema alimentar, utilizando técnicas próprias e, certamente, deu-lhes um nome, uma designação linguística;
- e) só a partir de 1530 e das questões com a política dos aldeamentos dos jesuítas, é que os Negros Africanos aparecem no território brasileiro e de toda América.

Baseados em todos esses dados, algumas questões ocorrem e devem ser colocadas:

- 1º - que técnicas de confecção alimentar existiriam nas Américas, em particular relacionadas com: milho, mandioca, batata.
- 2º - Apenas os Negros terão inventados tais técnicas alimentares e designação como temos presentemente?
- 3º - Terão os Negros apenas recebido os complexos alimentares e terão confeccionados os pratos e tê-los-ão exportado para o Novo Mundo? Se, sim, o fenômeno e o processo foram muito rápidos ou tão rápidos como a aceitação desses alimentos no mundo Negro?

(Conferência proferida pelo professor Augusto Mesquitela Lima no seminário "O Brasil descobre Cascudo", realizado pela Fundação Capitania das Artes, em agosto passado).

A
C
T
A

D
I
U
R
N
A

1940

26
JUNHO

Como conheci Rui Barbosa

Câmara Cascudo

Foi em 1920. Feito o primeiro ano médico na Faculdade da Bahia, fui para o Rio de Janeiro. Morava na Rua Cassiano, nº 2, Glória, onde tive sarampo e aprendi a história das ruas cariocas com um irmão de Nicanor do Nascimento. Tinha poucas amizades e uma delas, a mais gloriosa, era a de Rocha Pombo, historiador por fora e santo por dentro. Nos princípios de cada mês encontrava-me com Rocha Pombo na livraria Garnier, na rua do Ouvidor. Junto a uma alta secretária, logo à direita, estavam três cadeiras tradicionais. Cada tarde, os escritores mais famosos aí conversavam, sentados, e familiares, expostos à curiosidade dos admiradores provincianos. Assim, pela mão de Rocha Pombo conheci Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Hermes Fontes, Elísio de Carvalho, João do Rio – Henrique Castriciano apresentara-me a Nestor Vitor e este ao Grupo do Paraná, Tasso da Silveira, Andrade Murici e os amigos. Jackson de Figueiredo, Pontes de Miranda, todos remanescentes de uma revista “América Latina”, já morta.

Da Garnier ia-se à Brigueit, pertinho, logo na rua Sachet, hoje travessa do Ouvidor. Rocha Pombo foi conversar lá dentro e fiquei revirando os livros recém-chegados, quase todos em francês. Dois metros adiante, deslumbrado, tonto, identifiquei Rui Barbosa, em carne e osso, de fraque cinzento, colete branco, chapéu do Chile, tranqüilo, lento, folheando brochuras.

Para os rapazes do meu tempo, Rui Barbosa era uma entidade olímpica, extra-humana, relampejando no cimo de uma montanha de cristal. Era a égide, o Mestre, o Infalível, a Glória, viva, a própria encarnação do Gênio em sua materialidade perceptível, e na forma mais próxima à imortalidade, a força da eloquência. Fiquei todo olho, inventariando Rui Barbosa, desde o pé estreito e calçado com botinas inteiriças, até o xale amplo, com as orlas levemente voltadas para cima. As mãos secas corriam, como maquinamente, os livros sopesando-os, voltando-os, remirando o dorso. As estantes da Brigueit eram altas e tinham uma saliência pouco menos de palmo,

onde os livros se equilibravam. Rui Barbosa continuava, mil léguas longe de mim, examinando as novidades. As pulhas se erguiam à direita e esquerda do leitor glorioso. Bruscamente, num gesto, uma ruma desabou e veio ao chão. Como um raio, voei, apanhei os volumes, ante a breve menção de Rui Barbosa curvar-se. Vendo que não se tratava de um empregado da livraria, o Mestre dignou-se rosar, rapidamente – “obrigado”, oscilando a cabeça para baixo, num aceno cortês. Preparara eu uma frase e tive heroísmo de dizê-la, sílaba a sílaba, com o suor frio de quem faz exame. “Não há de que, Senador. O maior desejo da minha vida era prestar um serviço a Rui Barbosa”. O imenso orador tufou os bigodes. Devia estar sorrindo. Os bigodes eram meio amarelos, grossos, caindo em parênteses pelo canto da boca, o lábio inferior saliente, num prognatismo visível.

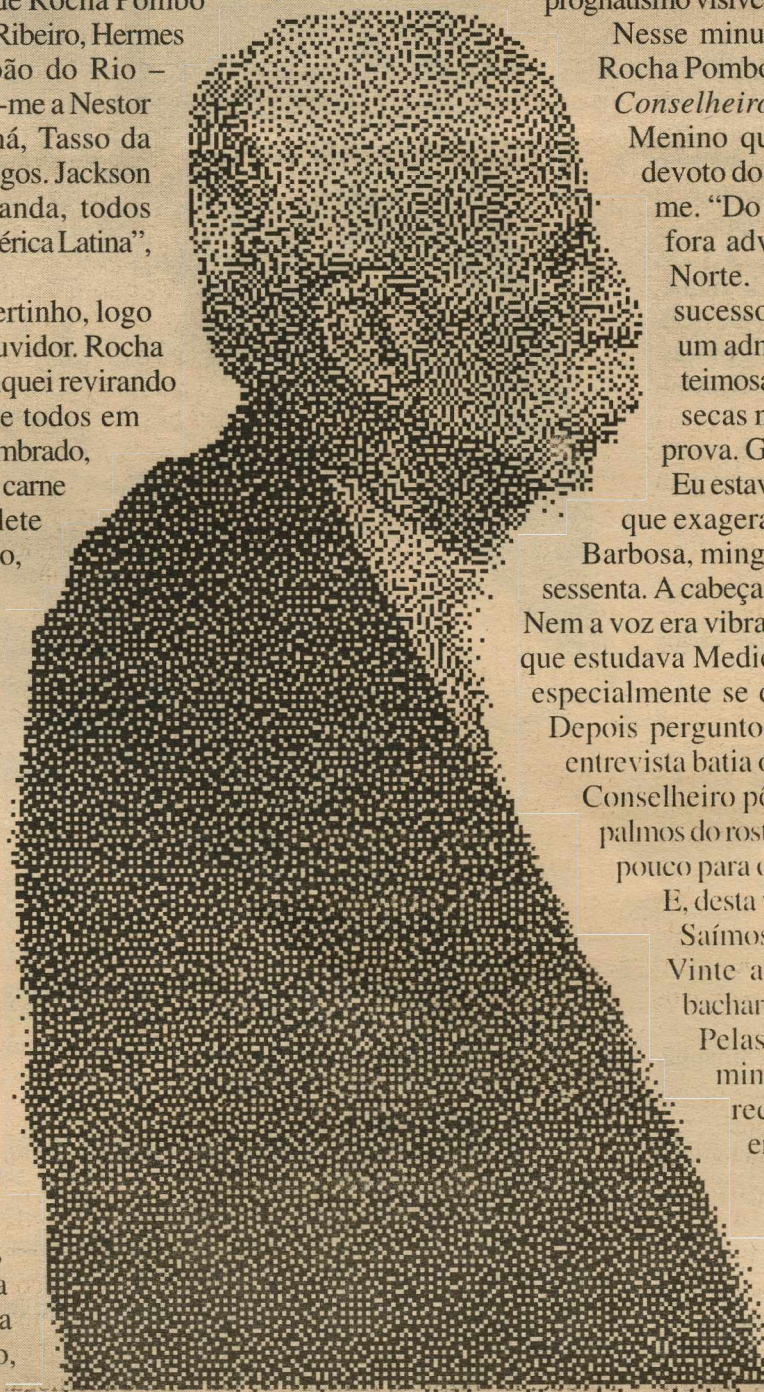
Nesse minuto, misericordiosamente, reaparece Rocha Pombo. Parou e cumprimentou, chamando *Conselheiro* e não *Senador*, como eu fizera. Menino que está estudando, nortista, grande devoto do *Conselheiro*. “De onde”? perguntou-me. “Do Rio Grande do Norte”. Rui Barbosa fora advogado vitorioso do Rio Grande do Norte. Devia ter recordações amáveis do sucesso. Sorriu e estendeu-me a mão. “Sou um admirador do seu Estado. Terra de gente teimosa em viver, seu Pombo. O problema das secas não é uma penitência, é também uma prova. Gente de bronze”.

Eu estava verificando a mentira das caricaturas que exageravam as dimensões da cabeça de Rui Barbosa, mingando-lhe o físico. Teria um metro e sessenta. A cabeça não era enorme nem desproporcional. Nem a voz era vibrante. Só quando discursava. Disse-lhe que estudava Medicina. Fez uma frase distraída: “bem, especialmente se dedicar às pesquisas ou à cirurgia”. Depois perguntou pelos livros de Rocha Pombo. A entrevista batia o final. Sem razão visível para mim, o *Conselheiro* pôs a mão no meu ombro e falou, dois palmos do rosto: - “Vou lhe dar um conselho. Escreva pouco para o Juiz ler...”

E, desta vez, sorriu mais livremente.

Sáímos. Foi esta a primeira vez que lhe falei. Vinte anos voaram. Oito anos depois era bacharel. Trabalho em Tribunal de Apelação.

Pelas minhas mãos, centenas de razões, minutas e contra-minutas, reclamações e requerimentos perpassam. E, quando encaminho os processos, certo da leitura demorada dos relatores e revisores, pergunto a mim mesmo, sem a possibilidade de resposta: - Qual teria sido o Juiz que não lera as razões escritas pelo *Conselheiro* Rui Barbosa?



Tudo muito natural

Djacy Branquinho de Mendonça

Não esquecer de agir com toda naturalidade. Chegar calado, como sempre, tirar os sapatos, a roupa, tomar uma ducha, vestir o velho pijama, calçar os chinelos e esparramar-se na poltrona de couro, os pés sobre a mesinha do centro da sala. Abrir o jornal, acender o cigarro, jogar a cinza no chão, apesar do cinzeiro.

— Chegou cedo hoje, bem.

Aceitar o beijo e fazer-lhe o afago de rotina. Atenção! Não se deixar perturbar com os arrepio dela, nem com seu risinho nervoso, carregado de promessas.

Responder, sem qualquer entonação especial:

— Pouco trabalho.

Mais tarde, sentar-se à mesa, para o jantar. Conversar sobre as trivialidades do dia, sempre com naturalidade.

— Paguei a conta da luz.

— E a água?

— Também.

Acrescentar a pergunta habitual dos vários anos de vida em comum:

— E você? Como passou o dia?

— Ah, bem, tudo igual.

— Nada muda, não é?

— Ah, mas teve uma novidade!

Fingir interesse, sem interromper o gesto de tomar a sopa.

— Teve, é?

— A lavadeira não veio, bem.

— Que tragédia!

— Tragédia?!

— Força de expressão... E daí?

— Ah, mas ela ficou de trazer a roupa amanhã. Sem falta!

— Amanhã?!

Cuidado! Nada deixar transparecer! Ela é insuportavelmente intuitiva!

— Que houve, bem?

— Nada. Por quê?

— Vai viajar amanhã?

Sem exagerar, fingir surpresa.

— Viajar?! Que pergunta! Por que acha que vou viajar?

— Fez uma cara...

— Tolice!

Desviar, com um elogio, o olhar terrivelmente inquisitivo que ela lança para você.

— Sua sopa está deliciosa... querida.

Ela relaxa e sorri, envaidecida.

— Quer mais?

Aceitar a oferta, apesar do estômago cheio, para afastar suspeitas.

— Quero, sim. Está uma delícia.

Ela sorri. Tudo vai bem. Depois do jantar, agarradinhos no sofá, televisão.

Mais tarde, quando ela for dormir, o passo importante.

— Vou ficar mais um pouco.

— Ah, bem! Pensei que a gente...

Não descartar a insinuação. Exibir um sorriso carregado de promessas, e dizer, insinuante, piscando um olho:

— Não me demoro.

— Ah, tá bom. Assim eu vou.

Receber o beijo dela e afundar na poltrona, o jornal aberto, e esperar até que ela adormeça. Mais tarde, sem fazer barulho, vestir a mesma roupa com que chegou do trabalho (alteração insignificante dos planos por conta da lavadeira), conferir o dinheiro, os documentos, abrir a porta e sair, sem bagagem e sem olhar para trás.

Djacy Branquinho de Mendonça é contista pernambuco e reside em Natal há muitos anos.

Labim/UFRN



O desejo gerador do texto de Ana C.

O desejo é uma pontada de tarde
Ana Cristina Cesar,
Luvas de Pelica



Nonato Gurgel



Dentre os muitos procedimentos literários incorporados pela contemporaneidade, destaca-se a leitura do texto enquanto corpo. Isto é: o simulacro do corpo e suas relações com o nível textual; as relações entre a forma, a escritura e o corpo que as produz.

Esse procedimento textual é calcado numa opção política que privilegia a subjetividade corpórea e demonstra o desejo que o sujeito possui de tornar-se texto, transformar-se em templo da escritura.

O corpo de quem lê ou narra transforma-se num laboratório no qual se desenvolvem idéias, sensações e percepções que coabitam *regiões do desejo* (Ana C), re-criando linguagens. Barthes chega a ser radical ao referir-se a essa problemática, e diz não haver linguagem sem corpo (1978: 53).

Eleger o desejo como espaço da escritura significa dotar a narrativa poética de vida e alegria - signos incorporados por quem narra na contemporaneidade, e os interpreta como vias de acesso à informação. É o que buscam os narradores nas micro-narrativas poéticas de Ana C.

Na coletânea poética **A Teus Pés**, o *escancaramento do desejo* (1993:201) torna-se diretamente responsável pela produção da escrita, como escreve o corpo da autora em **Cenas de Abril** (1982: 67). Num texto cujo título é re-criado a partir do primeiro verso do poema "Brinde", de Mallarmé, a narradora expõe-se:

Nada, esta espuma

*Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever*

A *maldade de escrever* reside nos corpos escreventes da contemporaneidade, que despertam no leitor um sentimento de falta, driblam a perda, lidam com o inacabado. São textos-tempos em fragmentos; corpos que transitam velozmente por espaços nos quais um *eu mínimo* (Lasch) é tecido e refeito a partir da sintonia com o outro e seu espaço.

O discurso e a leitura destes corpos postulam uma permanente atualização do ser, através dos atos de *fruir* (Barthes) e narrar. A partir disso, recriam-se outros espaços, de olho numa semiótica imagética e

*eu não gosto (I don't like these)
estou anômica (I am manic)
perdida no quintal (overlost)
e eles iam passando (they flew away)*

afetiva, para instauração da condição poética e construção do texto.

Para Barthes, a linguagem da narrativa *treme de desejo*, funciona como uma pele. Segundo ele, ao *esfregar a linguagem no outro*, é como se o sujeito *tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras* (1984:64).

As linguagens construtoras desta narrativa desejante apontam para a criação de textos, a partir de uma consciência corpórea. Essa consciência é vivificada pela voz narrante de **Inéditos e Dispersos** (1985:109), ao perder as noções de limites entre espaço e corpo. Vejamos:

*Não vejo meu corpo mas penso nele com
desejo e minha consciência é o teto do mundo,
como se o forro do meu crânio fosse o céu.*

Ainda nesta obra póstuma, Ana C celebra a relação entre o nível textual e suas relações com o corpo, ao evidenciar procedimentos como o pastiche, a cópia, a fabricação de simulacros. Tais práticas são elaboradas através da re-leitura de autores que a poeta elege como construtores do seu "cânone": Bandeira, Drummond, Whitman, Sylvia Plath, Katherine Mansfield, Jorge de Lima, Mário de Andrade, Emily Dickinson...

estetizando na página o texto da pele

Aqui, o poema e a narrativa poética constroem-se como espaços nos quais o sujeito introduz o desejo e atualiza sua própria constituição. Espaços que transformam-se em territórios livres para o exercício de forças do imaginário; *regiões recompostas por desejo* - como diz a voz narrante de "Vigília II" (1985:93). Interessante observar como a relação do sujeito com essas *regiões* parece definir o tom e a imagem corporal que possui ele e seu texto.

Na pós-modernidade, essa imagem corporal está relacionada à alienação do espaço próprio ou espaço corpóreo e ao encolhimento do sujeito nestes espaços. Isso gera uma sincronia territorial entre desejo e texto, produzindo o que a narradora do "discurso fluente como ato de amor" (1985: 126) interpreta como *contorno de uma sintaxe (= ritmo)*.

Construída essa *sintaxe*, o corpo inscreve-se nas *malhas da letra* (Silviano Santiago) e do sistema sócio-cultural, sendo diretamente influenciado pelas mutações ocorridas nestas *malhas*, neste sistema. Em meio a máquinas que interagem subjetivamente e máquinas outras produtoras de conceitos (vide o arsenal da virtualidade) e objetos *desaturizados*, o corpo-laboratório de quem narra elabora e re-cria o texto.

Atrás dos olhos das meninas sérias

Aviso que vou virando um avião. Lijana do horário nobre do adultério. Separatista protestante. Melindrosa basca com fissura da verdade. Me entenda faz favor: minha franqueza era meu fracasso, o primeiro side-car antifbio nos classificados de aluguel. No flanco do motor vinha um anjo encouraçado, Charlie's Angel rumando à toda para o Lagos, Seven Year Itch, moto sem cachorro. Pulso para fora (mas meu salto enfiava no pedaço de pedal?), não me afofo mais, nel abaixo o rabo nem rebolo sem gás de decolagem. Nas olho para trás: Aviso e profetizo com minha bola de cristais que vê novela de verdade e meu manto azul dourado mais pesado do que o ar. Nas olho para trás e sai da frente que essa é uma rasante: farras afiadas, e pernalta.

HINTER DEN AUGEN DER ERNSTEN MÄDCHEN

Achtung, ich werde zur Sexbombe. Zur Zigeunerin des spätabendlichen Ehebruchprogramms. Zur protestantischen Separatistin. Zur nörgligen, wahrheitsgeilen Baskin. Bitte versteh mich: meine Offenheit war mein wunder Punkt, der erste Unterwasser-Beiwagen in den Vermietungen des Anzeigenteils. Auf der Flanke des Motors klebte ein Engel in Rüstung, Charlie's Angel mit Vollgas in Richtung Lagos, Seven Year Itch, hinterste Pampa. Ich springe ab (aber mein Absatz bleibt am Pedal hängen?), ich ertrinke nicht mehr, wedle weder mit dem Schwanz noch wackle mit dem Hintern ohne Startgas. Ich blicke nicht zurück. Ich warne und sage die Zukunft voraus mit meiner Kristallkugel, die eine wahre Seifenoper sieht, und mit meinem goldblauen Umhang, der schwerer ist als Luft. Ich blicke nicht zurück und geh aus dem Weg, denn dies ist ein Sturzflug: scharfe Krallen, und Stelzvogel.

À esquerda, texto manuscrito de Ana Cristina César e, ao lado, a versão para o alemão constante da edição *Dir Zu Füßen*, (A Teus Pés) da editora Fisher Verlag

O narrador pós-moderno desvia-se para as extremidades inquietíssimas do corpo (1985:142), invade o espaço do outro (objeto do desejo) e, ao contatar a diferença, escapa de si - ao contrário do narrador realista que é centrado nele próprio, confundindo-se com a alteridade. Esta problemática instaura uma nova e mutante ordem corpórea e subjetiva, que influi na construção da identidade de quem narra e no registro da narrativa poética. O resgate do corpo passa a ser lido como forma de identificar o sujeito e a construção do seu texto. Esse regaste narrativo delimita um outro perfil do sujeito poético, revisto por Ana C. no ensaio "Literatura e Mulher: essa palavra de luxo" (1993:145). Diz a poeta:

Onde se lia flor, luar, delicadeza e fluidez, leia-se

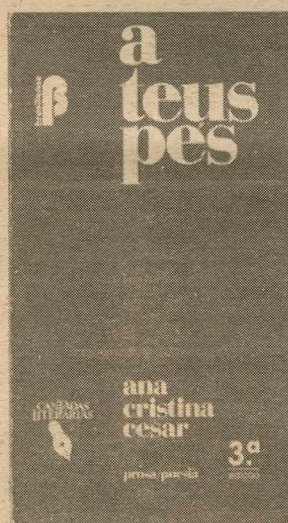
secura, rispidez, violência sem papas na língua. Sobe à cena a moça livre de maus costumes, a prostituta, a lésbica, a masturbação, a trepada,

o orgasmo, o palavrão, o protesto, a marginalidade.

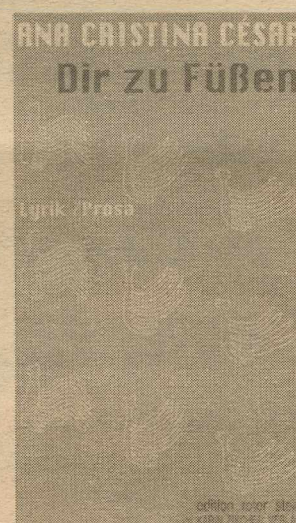
Nesta cena alimentada pelo desejo, re-cria-se o discurso narrativo, no qual a informação captada pela voz que narra tem registro a partir do imaginário e do sensorial: do próprio corpo. Este, torna-se responsável pela re-leitura e criação de outros textos, outros corpos.

O discurso corporal é lido por Lacan, para quem tudo é exibição do corpo evocando o gozo (1985:161). Segundo ele, o sujeito fala com o corpo e o faz sem saber. Portanto, o sujeito diz sempre mais do que sabe. Concluindo que o que fala sem saber me faz eu, o autor aponta para a eterna problemática da falha na comunicação e da impossibilidade de tradução do real.

Consciente dessa problemática exposta nos ensaios de *Escritos no Rio*, Ana C. erige um narrador atento à fala do corpo e que, apesar de comportar um desejo inacabado, produz um gozo sintonizado com impulsos imaginários. O corpo torna-se, portanto, responsável pelo gozo narrativo (Barthes) de quem lê e/ou narra...Esses impulsos imaginários são captados pela narrativa corpórea, na qual a conexão entre corpo e



A edição de *A Teus Pés* em alemão, saída este ano, revela a projeção da obra da poetisa carioca para além dos limites (ainda estreitos) da língua portuguesa



leitura trona-se evidente, como vemos em cenas explícitas de *Inéditos e Dispersos* (1985:154):

Enquanto leio meus seios estão a descoberto. É difícil concentrar-me ao ver seus bicos, então rabisco as folhas deste álbum. Poética quebrada pelo meio.

A poética de Ana C. fundamenta-se numa construção textual que estetiza na página o texto da pele; assume claramente o discurso do corpo de quem lê e de quem é lido. A nível textual, a própria narrativa

apresenta estrutura física; o corpo-laboratório; o desejo-texto.

Numa resenha escrita sobre Walt Whitman, Ana diz que o poeta americano *transtorna* de paixão poetas e leitores, e que o leitor, ao ler Whitman, parece tornar-se seu amante. Para Ana, os leitores de Whitman celebram, de forma amorosa, a própria figura - o rosto, a barba, o corpo, a voz - de Whitman, revelando reais estremecimentos de desejos (1993: 181).

Há no texto de Ana C. um desejo perene nos atos de ler, confessar, traduzir, re-criar. Esse desejo é partilhado pelo leitor, na tentativa de apreensão da condição poética. Nesta perspectiva, é possível dizer que ao ler Ana C. como se nos tornássemos amantes de Ana C. A poeta *transtorna* de paixão quem a lê e, tocada pelo fogo, transforma em amante seu leitor - sujeito cujo discurso pode ser fluente como o desejo que gera o texto.

Bibliografia

- Barthes, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70. 1978
- _____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1984
- César, Ana Cristina. *A Teus Pés*. São Paulo: Brasiliense. 1982
- _____. *Inéditos e Dispersos*. São Paulo: Brasiliense. 1985
- _____. *Escritos no Rio*. Rio de Janeiro: UFRJ: São Paulo: Brasiliense. 1993
- Lacan, Jacques. *O Seminário Livro 20*. Mais ainda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1985

Nonato Gurgel é professor do CACM e Mestre em Literatura Comparada pela UFRN.



As ausências na história da imprensa

Anchieta Fernandes

Todo livro que procura contar com abrangência a História de determinado setor cultural, termina por falhar, não incluindo todos os elementos desta História. Por exemplo, reconheço que no meu livro *Écran Natalense; Capítulos da História do Cinema em Natal* (1992) não foram incluídos alguns filmes realizados em Natal, e nem foi contada por completo a História dos nossos cinemas. Estas falhas são normais, e livros assim mereceriam sempre novas reedições, para serem completadas as informações. Infelizmente, não tenho grana para isso, nem sou diretor de órgão cultural, para publicar estas novas edições.

No caso da História da Imprensa no Rio Grande do Norte aconteceram também lacunas nos dois livros de fôlego publicados sobre o assunto: *A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte*, de Luiz Fernandes, publicado pela primeira vez em 1908, e reeditado agora em 1998; e *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte 1909-1987*, de Manoel Rodrigues de Melo, e publicado em 1987.

Neste artigo, pretendo registrar títulos de publicações da época do livro de Luiz Fernandes, e que não registrou; e publicações surgidas até ao ano de 1987, e que Manoel Rodrigues também não registrou. O meu intuito é colaborar para a informação do leitor, e não demonstrar que sou melhor pesquisador que Luiz Fernandes ou Manoel Rodrigues. Porque sei que com certeza vou falhar também neste artigo. E porque sei que eles, por um motivo ou por outro, não puderam incluir jornais, revistas e outros tipos de publicações, que existiram e portanto fazem parte do contexto histórico de nossa Imprensa.

Vamos, portanto, iniciar com o livro de Luiz Fernandes. Nele, não estão os seguintes jornais: *O Caraubense* e *O Ensaio* (ambos da então vila de Caraúbas, em 1884); *O Patusco*, *Raio X* e *O Ramallete* (do município de Macau, o primeiro de 1886 e os dois últimos de 1887); *Club Valet de Ouro* (de Assu, em 1902); *25 de Março* (de Natal, em 1905). Pergunto: se os jornais *O Natalense*, *O Nortista*, *O Sulista* e o *Brado Natalense* são considerados jornais norte-rio-grandenses, mesmo impressos em outros estados, porque Luiz Fernandes não incluiu em seu trabalho a *Revista Potiguar*, que uma turma de estudantes de Direito em Recife, todos norte-rio-grandenses (João Chaves, Hemetério Fernandes, Sousa Nogueira, Honório Carrilho e José Lucas da Câmara) lançaram na capital pernambucana em 1893? E será que os almanaques não mereceriam entrar na História da Imprensa? Pois é. No livro de 1908, Luiz Fernandes não incluiu o interessante *Almanaque do Rio Grande do Norte*, que a empresa Renaud & C. Empresa Gráfica, de Natal, lançou em 1897, com redação do Dr. Manoel Dantas e Tenente Coronel

Revista *Som*

Revista *Cadernos*

Jornal humorístico *O Chic*

Jornal do Alecrim

Gazeta do Oeste

Hora H

Boletim Bibliográfico

Museu Câmara Cascudo

Cine Clube Tirol

Assinpas em Revista

OAB Notícias

Rangal

Maturi

Cacto

O Sempre Alerta

Revista de Folclore

Criação

A Escola

Prisma

Pedro Soares, e que trazia contos, poesias, biografias, notícias, charadas, calendário do ano, e inclusive a tabela do pagamento do funcionalismo para 1897.

Quanto ao livro de Manoel Rodrigues de Melo, talvez por juntar grande quantidade de material antes de escrevê-lo, o autor se perdeu, já que não pôde contar com a ajuda da informática. Assim, é estranho (mas compreensível) que ele não tenha incluído no *Dicionário da Imprensa...* publicações da importância da revista *RN Econômico* (lançada em 1969), ou do jornal *Dois Pontos* (lançado em 1984). Mas não sei se é de pasmar: no livro de M. R. não consta o jornal *A Imprensa*, que o Coronel Cascudo lançou a 15 de setembro de 1922, para seu filho Luís da Câmara Cascudo ter onde publicar seus primeiros artigos.

Acredito que as ausências no *Dicionário da Imprensa...* não foram propositalmente. Embora, às vezes dê para se pensar em modéstia do autor. Ou critérios bem próprios. Para, por exemplo, não incluir a importante revista antropológica natalense *Bando*, lançada em 1949, e de cujo corpo redacional o próprio Manoel Rodrigues de Melo fez parte. Não está também no livro a própria *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*, lançada em 1951, para ser o veículo da produção literária de uma instituição que o próprio Manoel Rodrigues prezava tanto, por ter sido por vários anos seu presidente. Está lá, sim, a revista da outra academia, a *Potiguar de Letras* (aquela de que foi Presidente o alagoano Monsenhor José Alves Landin).

Vejam outras publicações jornalísticas (algumas importantes, outras nem tanto) surgidas até 1987, e que Manoel Rodrigues de Melo não deixou incluídas no *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte 1909 - 1987*:

1) *Revista Som*, da Sociedade de Cultura Musical do Rio Grande do Norte, fundada por Waldemar de Almeida e Câmara Cascudo. A revista circulou em Natal de 1936 a 1948, sempre publicando artigos de Câmara Cascudo, Waldemar de Almeida, Gumercindo Saraiva entre outros.

2) *Revista Cadernos do Rio Grande do Norte*, lançada em Natal em 1972 pelo livreiro Carlos Lima e pelo jornalista Ubirajara Macedo.



4) O *Jornal do Alecrim*, órgão comunitário de defesa e veiculação de matérias de interesse do bairro, lançado em 1979.

5) Jornais noticiosos/políticos como o mossoroense *Gazeta do Oeste* (lançado em 1977) ou o natalense *Hora H* (lançado em 1983).

6) Boletins importantes, como o *Boletim Bibliográfico*, do Instituto Cultural do Oeste Potiguar, de Mossoró (lançado em 1948); o do Museu Câmara Cascudo (lançado em 1981), o do Cine Clube Tirol (lançado em 1964).

7) Órgãos sindicais e classistas, como, dentre outros, *Assinpas em Revista*, do Sindicato dos Funcionários da Previdência Social do RN (lançado em 1981); *OAB Notícias*, da filial norte-rio-grandense da Ordem dos Advogados (lançado em 1980).

8) Fanzines e alternativos, como o jornal *Rangal*, de Osório Almeida (lançado em 1984); a revista de quadrinhos *Maturi* (lançada em 1976); a revista de poesia e divulgação da cultura vegetariana *Cacto* (lançada em 1979).

9) Publicações temáticas, como o jornal *O Sempre Alerta*, dos escoteiros de Caraúbas (lançado em 1937); a *Revista Norte-rio-grandense de Folclore* (lançada em 1979); a revista de vanguarda natalense *Criação* (lançada em 1984).

10) Jornaizinhos estudantis mimeografados, feitos por gente hoje ocupando posições importantes nos quadros administrativos e profissionais, como *A Escola*, do Departamento de Ciências Naturais e Sociais do ginásio Municipal de Natal (lançado em 1963) e *Prisma*, editado por ginásianos do Atheneu Norte-rio-grandense – um dos quais era o atual Secretário do Interior, Justiça e Cidadania, Dr. Dagmar Fernandes (lançado também em 1963).

Muitas outras publicações jornalísticas poderiam ainda ser mencionadas (o jornal *O Sistema*, a revista *Tempo Universitário*, o *Boletim Sindical* dos bancários) por fazerem parte de um amplo contexto histórico-cultural, ativo de 1909 a 1987, mas cujos títulos não podem ser encontrados nas páginas do *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte 1909 – 1987*.

Não seria o caso de se fazer uma reedição (revisada e aumentada); ou de se publicar o 2º volume do trabalho de Manoel Rodrigues de Melo (já que no texto “Algumas palavras”, apresentando seu *Dicionário*.. M. R. diz que é “o primeiro volume do meu trabalho”; se a família do falecido autor tem os originais do 2º volume, é egoísmo não entregá-lo à publicação). Ou, então, talvez, de se fazer um novo livro contando a História da Imprensa potiguar, acrescentando os títulos omitidos nos dois livros anteriores, e os novos títulos surgidos de 1987 ao final do século (e do milênio)? Afinal de contas, pode ser que leitores de outras terras fiquem pensando que a História de nossa Imprensa está toda ali, nos dois livros, e não existiram outros jornais, revistas, boletins, fanzines, almanaques, folhas murais, jornais eletrônicos (hoje já se faz também no RN, visa Internet) – significando toda uma contribuição da cultura e do pensamento norte-rio-grandense ao ativar das idéias e da criatividade do século 20

Linguagens marginais

Lenine Pinto

Era comum, nas primeiras décadas do século, que as crianças de uma casa tentassem instigar seus vizinhos, falando de cor e salteado a “língua do pê” - *bopolapá* (bola) -, antes que estes repicassem com a dos “dois pê” - *boppoppolappappá* (idem). Poucos rapazolas terão dispensado, no convívio escolar, o uso de apelidos ou a evocação de animais para dissimular desaforos. Códigos confusos camuflavam tramóias. Mensagens cifradas pela numeração das letras eram trocadas entre namorados, embora isso quebrasse o encantamento das primeiras juras. Mesmo em casa era imprescindível resguardar ingênuas confidências, quer dos pais, quer dos irmãos e irmãs mais novos (perigosamente indiscretos). Então as moças da época, algumas com extraordinária fluência, caprichavam na fala do *enterufuxdomber*, cujo enigma residia na substituição das vogais, passando o *a* a ser “aus”; *e* - “enter”; *i* - “ix”; *o* - “omber”; *e*; *u* - “ufux”, o que dava àquele linguajar estranha entonação: *Vombercenter enterdenterufux?* (Você entendeu?).

Aliás, a intenção era assemelhar o palavrório a algum idioma estrangeiro, como fulminou Lima Barreto, referindo-se aos jargões: “enfadonho fingimento de língua arcaica”. Com a Guerra, a chegada dos americanos casou babá-com-bebé, e logo os verbos ingleses foram adotados por quem tinha habilidade em decorá-los, ampliando assim o universo da comunicação secreta, clandestina, ademais de facilitar o entrosamento com os ianques. Todavia, com o correr dos anos, com a liberação comportamental, e com a transformação do País numa nação de jovens bilíngües, o linguajar disfarçado perdeu quase que inteiramente o prestígio, embora sobrevia ainda, bem ou mal. Aqui e alhures.

Numa recente troca de *e-mails* via Internet, Michael Grossmann, que estivera em Paris, indaga a Antonio Ribeiro, ali radicado: “você falou que meu sotaque lembrava o francês de Verlan - o que é isso?”. Ribeiro explica: “Consiste em compor certas palavras invertendo a ordem das sílabas, ex. *tromé* (métro), *féca* (café). Ou por alteração: *meuf* (femme). Devido ao emprego freqüente, algumas palavras entraram no cotidiano da língua, ex. *pourri* (ripou). É também uma linguagem de dissimulação, sendo comum dizer-se *beur* em referência aos árabes, neste caso não só vulgar, mas pejorativo. Há literatura, canções em verlan. Tem um carácter marginal, grupos de *rap* usam e abusam do verlan. A origem da palavra vem do bretão ‘verlen’ (à l’envers, ao contrário)”.

“Isto é a língua que usávamos na escola para que os adultos não nos entendessem”, responde Grossmann. “Só que em Nova Iorque, naquela época, chamavam isso de ‘pig Latin’: *m T inggo meho* [I’m going home]”. O *Heritage* revela uma nova versão, formada pela transposição da consoante inicial para o fim da palavra, acrescentando-se uma sílaba com o sufixo *ay*, como em *igpay atinlay* para ‘pig Latin’. Eliseu d’Angelo Visconti Neto, que fora chamado à discussão por Ribeiro (“o Eliseu deve conhecer. O Brassens fez diabruras com o verlan”), colabora: “Os grafiteiros aqui do Rio usam e abusam do verlan. Quando eles vão *pixar* alguma parede, eles dizem que vão *xarpir* a dita cuja”.

Dixvixtaussenter (divirtam-se)!

A bicicleta

Francisco Sobreira

Um homem de terno e gravata (terno de um azul escuro desbotado, gravata de um vermelho berrante, também marcada por um longo uso), carregando uma pasta de couro de fabricação antiga, caminhava pelo centro da cidade naquele final de tarde. Ao passar em frente a uma padaria viu uma bicicleta encostada à parede. Imediatamente estacou, do mesmo modo que o teria feito se ouvisse atrás dele alguém gritando-lhe o nome. Após reparar na bicicleta, olhou para dentro do estabelecimento e notou uma pequena fila de pessoas formada à frente do caixa. O homem não demorou mais que um minuto examinando os clientes à espera de ser atendidos, e a pequena fração de tempo foi o bastante para a decisão de praticar o ato, que lhe ocorreu tão logo pôs os olhos na bicicleta. Num segundo acercou-se da bicicleta, com uma mão afastou-a da parede, com a outra pendurou a pasta no guidom, em seguida montou na sela e saiu pedalando. Tudo muito rápido.

Circulou de imediato pela calçada, em marcha lenta para evitar uma colisão com as pessoas que, embora não muito numerosas, transitavam por ali. Tencionava, certamente, usar a calçada até ao final da quadra, onde se inicia uma rua pequena, de pouco fluxo de veículos, pela qual seguiria. Mas sucedeu que o proprietário da bicicleta correu em seu encalço, aos gritos de o ladrão (talvez alguém que estivesse na fila e deixasse a padaria no exato momento em que a bicicleta era roubada), então o homem foi obrigado a desviar-se para o meio-fio, aí já

aumentando um pouco a velocidade, chegando a tocar em algumas pessoas postadas na parada de ônibus.

Dois ônibus recolhiam passageiros, estacionados um atrás do outro. Uma pequena brecha separava os dois, e o homem, com a rapidez que a situação exigia,

calculou que poderia passar por ela. Assim o fez, arriscando-se a ser imprensado se um dos ônibus recuasse ou o outro avançasse. Desviou para a direita e seguiu em frente, agora podendo imprimir uma maior velocidade.

Desistiu de pegar a rua que se abria ao final do quarteirão, temendo, talvez, que o dono da bicicleta estivesse ali esperando por ele, continuando o trajeto pela rua principal. Pouco depois saiu desta, enveredando por ruas pequenas, onde o movimento de veículos era bem menos intenso, às vezes inexistente. Já diminuía a velocidade, e assim, pedalando devagar, podia experimentar plenamente o prazer de estar na bicicleta. Sentia, no entanto, um certo cansaço, provocado, talvez, muito mais pela tensão do que pelo esforço físico. Os dois, é certo, tinham-no feito suar, com o reforço da temperatura que começava a elevar-se naquela época do ano, e as mãos estavam úmidas e pegajosas, enquanto sentia a camisa molhada colar-se às costas. Por tudo isso achou necessário descansar um pouco quando se defrontou com uma pracinha deserta.

Encostou a bicicleta num banco de pedra e sentou-se no vizinho. Livrou-se do paletó e da gravata, pousando-os ao seu lado. Abriu a camisa, arregaçou os punhos, e com um lenço pôs-se a enxugar o suor acumulado no peito e nas costas. Deixou o lenço ensopado no banco, tirou do bolso inter-



interno do paletó um cigarro, acendeu-o e pôs-se a fumar.

Uma brisa suave começou a soprar naquele finalzinho de tarde, refrescando-lhe o corpo. De repente, o homem foi invadido por uma sensação de paz, de tranquilidade, isolado naquela praça que parecia abandonada, com os poucos bancos mal-conservados e precariamente iluminada.

Ali, àquele local, não chegavam a agitação, o vaivém de carros barulhentos e velozes, o stress estampado nos rostos das pessoas. Como era bom estar ali, ao final de um dia ingrato, igual aos outros.

Mas naquela ilha de paz, em meio ao silêncio absoluto e à solidão, o homem, de súbito, pensa no ato que praticou. Por que tinha feito aquilo? Sabe lá o motivo. Nunca antes em sua vida sentira o desejo de cobiçar as coisas alheias. E assim de uma hora para outra, a caminho da parada do seu ônibus, vê uma bicicleta estacionada e lhe vem aquele impulso de se apoderar dela. E por que uma bicicleta? Mais difícil ainda de se explicar. Quando garoto possuía uma bicicleta, ganha do pai como prêmio por ter passado de ano na escola. Um prêmio que poderia ter sido um castigo, se não se saísse bem nas provas finais. É que o pai tinha sido taxativo, quando o chamou para reclamar do fraco desempenho dele na escola. Se você passar de ano, ganha uma bicicleta. Agora, se não passar, leva uma surra.

Desde, porém, que se tornara adulto, jamais quis adquirir uma bicicleta. Via o seu vizinho montado numa nos finais de semana, à guisa de exercício físico, e nem para essa finalidade sentia vontade de imitá-lo. Da mesma forma um amigo. Não, não via necessidade de uma bicicleta. E quando menos se espera, acontece aquilo.

E não existindo a necessidade – nem a abertura de dinheiro que justificasse a posse da bicicleta, no caso de ela ser necessária – o ato praticado tornava-se ainda mais reprovável porque privava o espoliado de um objeto que lhe era, a ele sim, de grande utilidade. Talvez se tratasse de um humilde empregado da padaria, que se submetendo aos maiores sacrifícios, reduzindo ainda mais os magros alimentos trazidos para casa, conseguira adquirir a bicicleta, que lhe servia de meio de transporte para o trabalho. Ao pensar naquele pobre coitado, que bem poderia ainda estar pagando pelo veículo, o homem sentiu um remorso muito forte. Para livrar-se dele, a única maneira seria devolver a bicicleta.

Sim, precisava devolvê-la. A forma de devolver, não sabia. Só sabia da necessidade, aí sim, de praticar a ação, para assim aplacar a consciência. Não queria pensar nas consequências que poderia sofrer, caso o dono não se satisfizesse apenas em receber de volta o objeto roubado e quisesse humilhá-lo levando-o à delegacia. Ou, por outra, expondo-o à vergonha na presença de testemunhas, reprovando-o, a ele, um homem de meia-idade, de uma classe superior, por agir de um modo tão infantil. Mas bem que merecia qualquer tipo de reação do espoliado.

Tão concentrado estava em examinar a própria consciência, que não percebeu a chegada de estranhos. Foi despertado de suas reflexões por uma voz que dizia tá lembrado, cara, que ainda hoje te disse que tava a fim de uma bicicleta? Seguida de uma ruidosa risada. Virou-se e viu dois homens muito jovens. Um deles,

certamente o dono da voz, já tinha montado na bicicleta, enquanto o outro remexia no interior da pasta. O homem levantou-se rápido, dizendo:

“Não, moço, a bicicleta não. Não é minha”.

Dessa vez foi o que estava na bicicleta que riu. E falou para o comparsa:

“O tio aqui tá querendo me gozar”.

O outro soltou a mesma risada barulhenta.

“É verdade. Podem acreditar. Não é minha”.

O da bicicleta, que parecia o mais velho dos dois, voltou a falar com o companheiro.

“Só falta o tio dizer que roubou ela”.

O homem, por um rápido momento, pensou em contar a verdade. Mas logo se deu conta de que aqueles dois não acreditariam na sua história, ele seria levado ao ridículo e, pior, se arriscaria a provocar uma irritação nos jovens ladrões. Buscou o caminho da negociação.

“Por favor. Eu peço a vocês que deixem a bicicleta. Olhem, taqui este relógio. Vocês podem ficar com ele”.

E num gesto trêmulo e apressado, tirou o relógio do pulso e o entregou ao que estava na bicicleta. O jovem fez pouco dele, sempre se dirigindo ao outro.

“O tio pensa que a gente vai querer só a bicicleta. Revista a roupa dele”.

O outro, que já largara a pasta no chão,

junto com um monte de papéis, puxou uma faca do bolso e caminhou para o homem. Mandou o homem entregar-lhe a carteira de cédulas. Logo que recebeu a carteira, passou-a ao parceiro.

“Só tem mixaria”, disse este, jogando a carteira no chão. “Vê o paletó do tio”.

O que aparentava ser mais jovem examinou os bolsos do paletó, mas só encontrou a carteira de cigarros amassada e magra e a caixa de fósforos, exibindo-as ao outro. Depois tirou um cigarro, acendeu-o e guardou no bolso da calça a carteira e os fósforos, como para recompensar-se por não ter encontrado dinheiro. O rapaz que se apoderara da bicicleta e exibia o relógio do homem no pulso pareceu resignado com a posse dos dois.

“Tinha sido melhor se tivesse uma boa grana. Mas não foi assim tão mau”.

O que gostava de soltar uma boa risada, não perdeu mais essa oportunidade. Já o homem tentou uma última vez amolecer o coração do mais velho, pedindo-lhe poupar a bicicleta.

“Tio, disse o rapaz, pela primeira vez falando diretamente ao homem, ainda se dê por muito feliz por eu não fazer nada com você. Mas se continuar com essa choradeira de mulher cavilosa, eu furo você”.

E para provar que não estava para brincadeira, puxou uma faca do bolso e mostrou-a ao homem. Este, vendo que não havia mais nada a fazer, virou-se em direção ao banco, onde voltou a sentar-se. O da bicicleta convidou o risonho companheiro a acomodarse no quadro da bicicleta e os dois foram embora.

O homem, que estava curvado, levantou a cabeça e olhou na direção em que os dois haviam seguido.

Mas não viu mais nada deles. Então, de repente, como se a risada do mais novo fosse uma enfermidade que o tivesse contagiado, começou a rir. Só que diferente da risada do rapazinho, a dele não se interrompia,

era contínua e sem diminuir o diapasão. E durante alguns minutos ele prosseguiu soltando aquela risada

que a brisa, um pouco mais forte, ia

levando. Alguém que passasse por ali e desse

com aquele homem solitário,

sentado num banco da praça deserta e rindo sem parar, julgaria que se tratava de um louco.

Francisco Sobreira é ficcionista e poeta. Escreveu, entre outros, os livros *O Tempo Está Dentro de Nós*, *A Noite Mágica*, *Crônica do Amor e do Ódio*.



O chamado das letras

Manoel Onofre Jr.

Pouca gente, hoje em dia, comunica-se através de cartas. Dá-se preferência ao telefone, ao computador. Tudo bem. É o avanço tecnológico... Já se fala, mesmo, no advento de uma civilização ágrafa, em que não apenas a carta, mas, de modo geral, a palavra escrita tornar-se-á obsoleta.

Eu me confesso, desde logo, nostálgico da velha e boa carta. Considero-me um dos sujeitos menos ágrafos sobre a face da terra... Sempre atendo ao chamado das letras, embora na certeza de que, para expressar-me, terei de entrar em luta com a palavra.

Claro, mantenho correspondência, de natureza literária, com escritores, cujas cartas guardo, cuidadosamente.

Dia desses, remexendo em meu arquivo pessoal, veio-me a idéia de publicar uma seleção dessas cartas. Refleti: por que deixá-las na gaveta, se algumas constituem-se em pequenas obras de arte?

A idéia concretizou-se num volume, que acaba de sair, em edição limitada, fora de comércio, sob o título "O Chamado das Letras".

Trinta e três cartas compõem o livro, sendo que treze de autores vivos e atuantes (Ariano Suassuna, Assis Brasil, Fagundes de Menezes, Hildeberto Barbosa Filho, Iran Gama, Jarbas Martins, Nei Leandro de Castro, Nilson Patriota, Pedro Simões Neto, Umberto Peregrino e Vingt-un Rosado); outras, de escritores já falecidos (Cosme Lemos, Homero Homem, Manuel Onofre de Andrade, Nilo Pereira, Paulo Pimenta de Mello, R. Nonato) e nove, do meu próprio punho, salvas da cesta do lixo.

Há, nessas cartas, revelações interessantíssimas sobre os bastidores da nossa vida literária. Isso é que, com certeza, vai despertar mais atenção. Mas, também, em meio à conversa escrita, reflexões, tiradas poéticas, informações várias, mil coisas mais.

Creio que essa seleta, se outros méritos não tiver, valerá como documento – não só para a história da vida literária, como, também, para a biografia de alguns dos seus vultos mais importantes.

Veja, a seguir, alguns trechos, como aperitivo:

"Não sei se você sabe disso, mas meu bisavô era pernambucano, de família Cavalcanti de Albuquerque. Era do ramo que tinha o apelido de Suassuna e foi quem, da família, em 1822, por nativismo, adotou o nome indígena. Ele foi para o Rio Grande do Norte, muito moço, com um seu parente mais velho que ia governar o Estado. E aí, no Rio Grande do Norte, terminou se fixando, como boiadeiro e criador de gado. Dessa maneira, meu avô paterno, Alexandrino, nasceu na Serra do Martins. Meu Pai e eu é que nascemos na Paraíba, mas a família Suassuna ainda hoje é "fronteiriça" - um pedaço em Catolé do Rocha, outro distribuído pelo Rio Grande do Norte, principalmente no Patu".

ARIANO SUASSUNA

O poeta, romancista e teatrólogo Ariano Suassuna revela ter afinidades mais do que literárias com os autores norte-rio-grandenses, na medida em que seu avô paterno, Alexandrino, nasceu na serra do Martins-RN. Por isso, diz, a família Suassuna ainda hoje é "fronteiriça" - um pedaço em Catolé do Rocha, outro distribuído pelo Rio Grande do Norte, principalmente no Patu".

Sobre o livro "A Poesia Norte-rio-grandense no Século XX", em elaboração;

"O problema de eu partir para a feitura definitiva da antologia, depois de começada, é que, sem interrupção, tenho melhor visão da poesia do Estado e fico mais à vontade para a feitura da Introdução. Interrompendo o trabalho, à espera de um ou dois poetas, perco o ritmo, e mesmo porque já estou juntando material para a antologia baiana... Sem pressa, sem afobação, mas com um ritmo de trabalho célere".

ASSIS BRASIL

"Estou para publicar um livro de poemas que é uma espécie de reação a essa poesia cerebral, geométrica às vezes e às vezes charadística tão frequente nos últimos anos. Uma reação consciente a versos que, a meu ver, não constituem poesia, antes disfarçam a indigência mental de seus autores. Creio que precisamos de um neo-romantismo, sem o sentimentalismo de alguns românticos e, ao mesmo tempo, de uma poesia sem a rigidez formal dos parnasianos."

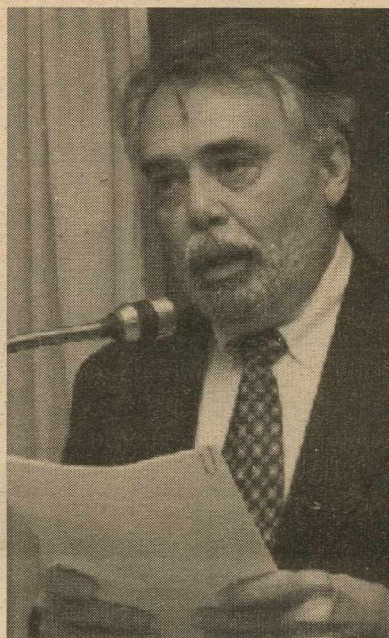
FAGUNDES DE MENEZES

"Fico igualmente feliz em saber que a província está em ebulição artística e cultural, é sempre melhor do que a outra, a política, cujo caldo fervente e dilacerante tem escorrido até aqui pelos jornais do Sul, tiroteios, peixeiradas, macriações de ofender mãe e pai. Veja se acalma esse pessoal, tome as peixeiras e recolho todo mundo ao xilindró por 24 horas. Depois solte, mas aconselhe antes: se unam, pessoal, esse negócio de dedo no nariz alheio, rifle oral engatilhado e dispirante, é sobrevivência que uma sociologia da terra pode explicar como o inconsciente coletivo repetindo as guerras e guerrilhas anti-holandesas e outras, por que até hoje não saiu por esquecimento o decreto-lei mandando desmobilizar todos esses soldados a paisana que dormem na alma coletiva da terra. Também as guerras de caju pré-cabralinas têm sua parte de culpa nisso: como sabe, as tribos do interior desciam pelas trilhas no ciclo safreiro da apanha dos frutos e iam colher os melhores, mais vermelhos e amarelos e maiores e mais sumarentos, à base da flechada e da bordunada. O inconsciente nacional potiguar guardou essa primeira depredação contra a terra; essa espoliação do precolonialismo a nível tribal, como diria qualquer aprendiz de feiticeiro marxista, pomposamente.

Mas eu até que compreendo essas guerrinhas de caju, se pudesse fazia uma ainda neste verão, iria colher minhas cestas e garajaus, fazer meus rosários de castanha do tamanho daqueles dos romeiros de Frei Damião, no meu tempo de menino".

HOMERO HOMEM

"Já a poesia me é mais suave. Não exige vinte e quatro horas de atenção, como o romance. Estou alinhavando um novo livro de poemas, chamado Diário Íntimo da Palavra, algo um tanto diferente do que tenho feito nos últimos livros que publiquei. É, como diz o título, uma espécie de diário íntimo em forma de poesia, confissões poéticas, a intimidade da palavra. Mas eu acho que não trato a poesia como ela merece. Desprezo-a como quem despreza uma amante linda, terna, eterna, etérea, maravilhosa. E o mais estranho é que, quando volto para ela, depois de mil pelejas com o romance, ela me recebe de braços abertos, de pernas abertas, com todos os beijos de sua boca."



NEI LEANDRO DE CASTRO

"Nós, nordestinos, sabemos, realmente, fazer arte. Nesse aspecto temos todo o direito de ser barristas. Somos uma espécie de útero cultural do Brasil: música popular, artesanato, folclore, ficção, poesia, culinária, renda, bordados, rede, preguiça canicular, êta Macunaíma!"

IRAN GAMA

"É a vida, amigo, que no final é isto mesmo: busca, reencontro e dispersão. O que nos marca mais na vida é o seu caráter transitório. Nascemos sob o signo da perda: do paraíso, do ventre materno. O resto são desvios para não darmos com a Perda Final."

JARBAS MARTINS

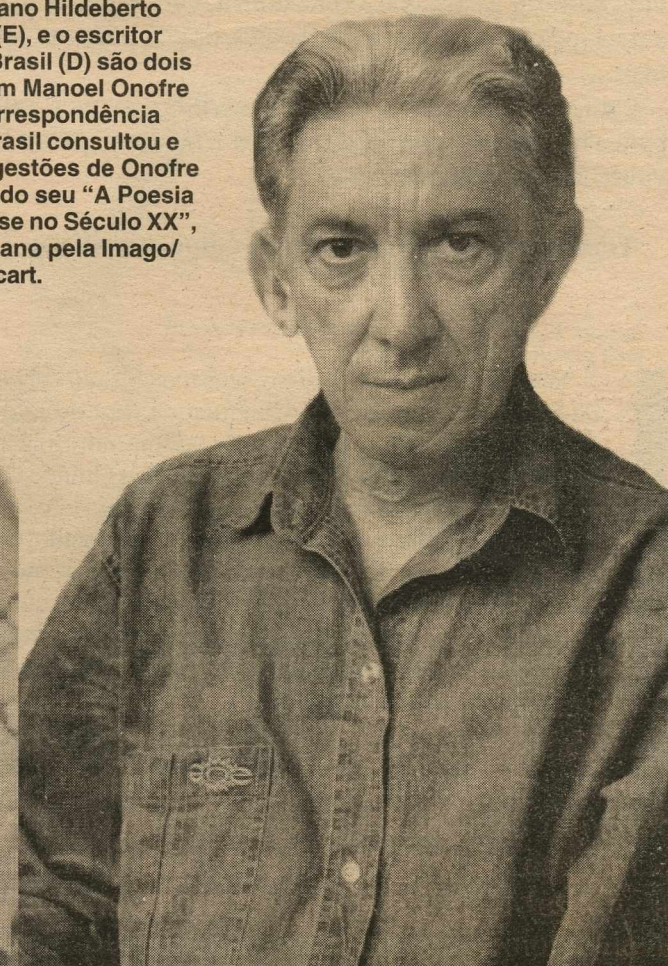
"Um dia ocorreu-me ser presidente do Instituto Brasileiro do Sal. Nos governo de Jânio e Jango não permitir a importação de sal. Sabia que era um golpe sujo para o enriquecimento ilícito de alguns.

Castelo Branco, probo e competente caiu no conto do vigário. A importação foi tão vergonhosa, que ele só teve uma saída: fechar o Instituto do Sal.

Voltei mais pobre para casa. Poderia ter voltado mais rico."

VINGT-UN ROSADO

O poeta paraibano Hildeberto Barbosa Filho (E), e o escritor piauiense Assis Brasil (D) são dois autores com quem Manoel Onofre Jr. mantém correspondência regular. Assis Brasil consultou e acatou muitas sugestões de Onofre Jr. na elaboração do seu "A Poesia norte-rio-grandense no Século XX", que lançou este ano pela Imago/Funcart.



Miragem

Paulo Jorge Dumaresq

Sertão
Ser tão grande ócio
Do Seridó ao umbigo
Tal qual jazigo sonhado
Por macambiras e bichos-preguiça

Entre Caicó e o infinito
É tudo tão tamanha sina
Que alucina o errante argonauta

Da rasa caatinga
Brotam messiânicas esperanças
Sob um céu púrpura de lirismo

Sertão
Ser tão grande vereda
Onde convivem humanos párias
E rebanhos nutridos de indigência
Na vã esperança de escaparem ao abate

Como voam os anjos

Paulo Jorge Dumaresq

Quando eu me matar,
O que será do meu cãozinho proletário?
E os da Vila de Ponta Negra,
Com suas rabugens crônicas?
Deles só espero a morte
Que virá num pneu de ônibus,
Ou num bolinho de carne com vidro moído.

Quanto a mim,
Partirei com a branda asfixia do cânhamo
A aplacar minha agonia de viver.

Quando eu me libertar,
Não terei mais amor nem ódio
Perdido na amplidão.
A morte sublima a liberdade.
Ah! Quanta inveja dos cães vadios
E da liberdade deles.
Quanto inveja!



Longo programa de TV

Hudson Paulo Costa

Quase sem sair do sofá assistia televisão até o outro dia. Sentia o cotidiano povoado de rostos cinzas, mergulhado num inferno de tédio. Seus olhos ardiam após o último programa. Aquela luz branca de pontos luminosos entrava em seu corpo como células renovando o seu sangue. Por um estranho processo ele sentia-se como se fosse uma imagem projetada de uma fonte desconhecida. Ele mudou-se para um canal em que a realidade parecia ocupar um espaço de dimensão diferente. Todas as conexões se perderam.

Os inúmeros filmes de violência deixaram-lhe a certeza de que matar é uma ação que termina em notícias e manchetes nas capas dos jornais, entrevistas na televisão e o nome do criminoso anunciado e acalentado por alguns dias na cidade. Depois tudo se apaga e as pessoas mudam de canal. A vida é um canal aberto. As cenas passam rapidamente. Assim aprendera nos seus dezenove anos de paixão pela TV.

Os seus pais lhe pareciam dois personagens de uma cena embaçada, que surgiam do fundo de um bosque, entre as árvores, numa trilha fluída de folhas e sombras passando sob uma lente de múltiplos focos. Com frequência tinha pesadelos em que se repetiam estas mesmas cenas: nas formas contorcidas dos galhos das árvores, entre as folhas, pendurados como frutos, milhares de olhos vítreos lacrimejavam sangue. Oculto observava à distância seus pais passeando, de mãos dadas, em direção a um túnel escuro. O sangue choviscava em suas roupas, mas eles nada percebiam.

Quando criança seus pais não tinha tempo para ficar com ele. Trabalhavam muito. Comentando com amigos o estado do seu filho decidiram levá-lo a um psicólogo. Este recomendou-lhe viagens e novos círculos de amizades. Após a aplicação dessa fórmula melhorou por algum tempo, mas depois voltou ao antigo hábito. Mesmo tendo vendido três aparelhos de TV que possuíam, não havia como conter a voracidade que Álvaro tinha por imagens. Acomodando as circunstâncias ele reduziu para seis horas o tempo em que ficava de frente a TV. Promessas e mesmo alguns castigos não surtiram efeito.

Às vezes ele ouvia uma voz de um tempo e lugar bem distantes, cantando assim: "Quem quer casar com a senhora baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha". Rosinha, uma antiga doméstica que trabalhou em sua casa cantava esta canção e contava histórias que ele gostava de ouvir. Sentia saudades da Rosinha.

Seu pai tinha um revólver. Gostava de segurar a arma, trancando-se no quarto, quando ninguém estava em casa. Um dia, antes de sair para o colégio, sorratamente pegou a arma e colocou-a na mochila. No intervalo das aulas dirigiu-se à sala dos professores e foi atingindo um a um com tiros certos até acabar as balas. Os corpos estendidos, o pânico em volta, soltou a arma no chão e com os olhos fechados dizia: "Desligue-me...! Desligue-me...! Desligue-me...!"

Hudson Paulo Costa é historiador e contista.





Henry Miller

(uma leitura)

Tácito Costa

Este século que se encerra foi pródigo em iconoclastas. O escritor norte-americano Henry Miller está entre eles. Rebelde e destemido, desceu até o inferno em busca de material para sua escritura. Como reconheceu Anais Anin, no prefácio de "Trópico de Câncer", ele fez uma literatura à base de sangue e carne.

O preço que Miller pagou pela ousadia não foi pequeno. Teve seus livros acusados de pornográficos e obscenos. Mas o tempo acabou lhe fazendo justiça. Censurado e proibido durante longos anos em vários países, termina o século ocupando um lugar de destaque nas letras universais. Seu "Trópico de Câncer" foi escolhido, recentemente, como um dos cem mais importantes livros deste século (50º colocação).

É este, na opinião dos críticos, a sua melhor obra. Mas nem "Trópico de Capricórnio" nem a trilogia "Sexus" "Plexus" e "Nexus" ficam atrás. São também obras portentosas. "Sexus" pode ser considerado o mais fraco dos cinco. Mas Miller se recupera no restante da trilogia, "Plexus" e "Nexus".

Deve ter contribuído para a guinada que ele deu nos volumes seguintes da trilogia, as críticas a "Sexus", principalmente de pessoas que Miller prezava muito, como o escritor Lawrence Durrell, que escreveu uma carta irada criticando a obra e em seguida mandou um telegrama defendendo que o livro teria de ser revisto.

Os relatos das orgias sexuais em "Sexus" impressionaram sobremaneira o velho escritor. Miller parece ter levado em consideração as observações do amigo, pois tanto em "Plexus" quanto em "Nexus" não se encontram relatos de orgias sexuais. Mas foram justamente esses desregramentos sexuais que, inicialmente, chamaram atenção para sua obra e que até hoje, apesar do sexo virtual e dos *sex shops* em cada esquina, atraem tantos leitores para "Sexus".

Esses leitores, infelizmente, por uma razão ou por outra, não lêem os outros dois livros que compõem a trilogia. E tanto isso é verdade, que enquanto "Sexus" vai para a décima edição (Editora LP&M), os outros dois estão na quarta ou quinta edição.

A explicação é óbvia para essas edições a mais de

"Sexus". Muitos o compram apenas interessados nos relatos das orgias que o livro contém. Pobres leitores. De tão empenhados nisso, passam por cima do melhor.

Miller queria que a trilogia tivesse o nome de "A crucificação encarnada" (que acabou entrando como sub-título dos três livros). A mudança se deveu a sugestão do editor do escritor. Em entrevista dada na década de 60 a *The Paris Review* (revista de língua inglesa publicada na França), Miller explicou porque tinha escolhido o título de "A crucificação encarnada": - Quando um homem é crucificado, quando morre para si próprio, o coração desabrocha como uma flor". Essa entrevista junto com outras de grandes escritores foram reunidas e publicadas no livro "Escritores em Ação".

Os leitores que desejarem enveredar pela escritura do Henry Miller devem começar pela trilogia, que cobre o período em que ele viveu nos Estados Unidos. Depois podem passar para "Trópico de Capricórnio", que é a sequência dos três livros e inicia com ele já na França.

"Trópico de Câncer" segue narrando o que teria sido sua vida na França. Esses e mais um belo ensaio sobre Rimbaud "A noite dos assassinos" são os livros mais importantes do escritor.

Esse roteiro ajuda a compreender melhor os livros do escritor. Porque alguns leitores poderão se sentir frustrados ao lerem as mais de 1.500 páginas (a trilogia) que não tem um final clássico, mas segue em "Trópico de Capricórnio".

Infelizmente, as traduções claudicantes e muitos erros de revisão são constantes nos livros dele editados pela Editora LP&M. É inconcebível o descaso da Editora com a qualidade editorial dos livros de um autor do porte de Miller.

De Miller, pode-se dizer, sem errar, que veio ao mundo para fazer muito barulho. Moralista, insubmisso, nele, vida e obra se misturam e é impossível dizer onde começa uma e acaba a outra. Sua linguagem é a mais crua possível.

Com ele, vamos do grotesco ao sublime num átimo. Não conheceu limite que não houvesse transposto. Nada e ninguém escapa. Pelas verdades e cruezas que contém, seus livros podem se tornar insuportáveis. Principalmente porque mexem com os ícones (família, religião, grana, trabalho...) de um sistema apodrecido e deixa cair a máscara que o indivíduo adora ostentar para mostrá-lo como realmente é: um lobo faminto. Nada mais atual!

Carta à Knut Hamsum

Miller foi um leitor voraz, que além da Literatura Ocidental, se interessava pela produção literária do Oriente. Pelo que se depreende de seus livros, ele leu muito. Mas dois escritores lhe eram muito caros e são citados bastante, principalmente na trilogia: Dostoiévski e Knut Hamsum.

Um episódio engraçado é citado por Miller em "Plexus". Profundo admirador de Hamsum, ele decidiu escrever uma longa e inspirada carta, falando da sua admiração pelo escritor. Colocando tudo num nível quase de adoração.

Tempos depois recebe resposta de Hamsum, "chorando miséria" e reclamando da distribuição de seus livros nos outros países. Miller chega a achar que quem escreveu a carta foi outra pessoa, uma secretária ou agente literário. Não se conforma, fica arrasado e passa vários dias deprimido, regando sua decepção a álcool, sexo e errância, como sempre fazia nessas ocasiões.

A alcatifa azul

À memória de Zila Mamede

Franco Jasiello



A alcatifa azul
onde,
na noite de festa,
adormeceste
não era o mar
imaculado
de teus sonhos,
nem o duro céu
que te doía.

Foi talvez
o açude de silêncio
na dura terra de tua herança
onde colheste pedras
de orvalho
e, em caminhos
de arado,
plantaste rosas,
cicatrices de palavras.

Conto as sílabas
de tua ausência
navegando os dias
que abandonaste
como anjos
réprobos
guardiães diuturnos
de improváveis portas
sem aldravas.

Índios Condenam Criminosos

Arlindo Freire

O mundo está em processo de grande e salutar transformação, apesar dos perigos que ocorrem constantemente, causando a confusão, a incerteza e o caos que dificultam o entendimento pela compreensão dos fatos. Esta simples e pequena idéia nasceu numa manhã quente de primavera em Natal/RN, durante uma curta viagem pelo mundo, através de jornal diário, quando nos deparamos com a notícia de que os índios de Honduras fizeram a condenação de morte do navegador Cristovão Colombo.

Crimes sem Castigo

As numerosas formas de 10 crimes praticados por Colombo e seus seguidores, segundo o COPIN – Comitê de Organizações Populares e Indígenas, estão classificadas em “sequestro, roubo do patrimônio cultural, estupro, escravidão, tortura, assassinato em massa, destruição de culturas, invasão de povoados, tráfico de alimentos e genocídio contra as etnias do país.”

Por esses motivos a corte do COPIN, baseada na história da colonização americana iniciada por Colombo – resolveu condenar o navegador à morte, após os cinco séculos de sua descoberta da América, sem que tivesse alguém para apelar em defesa do acusado, durante o seu julgamento, em virtude da falta de manifestação neste sentido.

Entre os diversos argumentos para a acusação – foi considerado, também, o depoimento deixado em livro, pelo Frei Bartolomeu de las Casas, segundo o qual, as viagens de Colombo pelas Americas, de 1494/1508, resultou na morte de 3 milhões de pessoas, em guerras deflagradas contra os índios, assim como a prisão e escravidão dos mesmos.

O tribunal para a condenação de Colombo reuniu-se em Honduras, dia 12 do corrente, onde, em anos anteriores se comemorava a primeira parada do navegador espanhol no Caribe – local de partida para outras regiões do continente.

Com essa demonstração, os índios americanos estão dando prosseguimento a uma revisão histórica, política e social sobre os chamados “atos de bravura” praticados pelos europeus nas Americas, desde o século

15, quando foi iniciada a era das navegações marítimas pela conquista do Novo Mundo e sua completa dominação pela força guerreira que resultou no genocídio dos homens primitivos, em nome da civilização.

O questionamento dos índios sobreviventes dos inúmeros massacres, constitui a resposta ou revolta sobre o que vinha sendo feito como exaltação a Colombo, nos diversos países, inclusive nos Estados

maneira brutal, e sem qualquer respeito a pessoa humana, deixando transparecer para os civilizados que os índios eram dispensáveis ou não constituíam uma grande e valiosa parcela da humanidade.

Nas terras brasileiras, onde havia tribos selvagens e pacíficas, especialmente do Nordeste, também houve dizimação, trucidamento, perseguição e matança, primeiramente de silvícolas e, depois de brancos, em escala progressiva, animalesca e devoradora, sob a

recomendação e determinação oficial dos reinos de Espanha e Portugal, bem como dos grupos invasores que se diziam civilizados.

Entre os séculos 15 a 18, por exemplo, quando o Brasil tinha a população estimada em 5 milhões de índios, o extermínio dos nativos foi quase absoluto, daí porque no presente, o país está com pouco mais de 300 mil habitantes de sua raça original, ainda passando pelo processo de exclusão, abandono, perseguição e morte.

Os fatos da história que comprovam as ocorrências desta natureza, agora estão com 310 anos, em relação

ao que se verificou no Rio Grande do Norte, desde o início da

Guerra dos Bárbaros em 1687/88, quando o cacique Janduí reuniu as tribos locais, da Paraíba e Ceará para enfrentar os invasores de suas terras, matas e rios.

Foi no território norte-rio-grandense – não cansamos de repetir – onde começou o maior acontecimento do país – Guerra dos Bárbaros, a partir do final do século 17, com repetição e prosseguimento em todo o Nordeste, causado pelos colonizadores, com



Unidos, sob a forma de reconhecimento pelos “grandes feitos” do império espanhol nos territórios americanos.

Genocídio Esquecido

Os genocídios realizados sobre as populações indígenas – foram iniciados há mais de 500 anos, de

o respaldo e todo incentivo das autoridades governamentais de então, e o fim de expulsar, exterminar os silvícolas do seu meio natural.

Em consequência das operações militares, políticas, econômicas e culturais, sob a forma de conflitos violentos, hoje em dia, o Rio Grande do Norte, por incrível que pareça, é o único e absoluto Estado da Federação, sem a presença viva do índio, bem como dos seus valores culturais, ao contrário do que ocorre noutras unidades nacionais.

Isto significa que após os 5 séculos de história, infelizmente, somos -RN um povo que não conseguiu aprender, nem assimilar a sua origem, tão pouco o seu futuro, tanto quanto a dimensão do presente.

Se isto não fosse verdadeiro, estaríamos com as atenções voltadas, de maneira organizada, consciente e prática, às escolas em geral e todas as instituições culturais - para o estudo, pesquisa e comemorações sobre a Guerra dos Bárbaros, suas causas e efeitos, como demonstração de respeito, valorização, reconhecimento e orgulho sobre esse fato e tudo mais relacionado com os nossos índios exterminados.

- Este assunto não é do interesse coletivo, porque a maioria das pessoas recusa a guerra, o sofrimento, a destruição e outras coisas semelhantes.

Esta afirmação, embora seja verdadeira, feita por alguém que se diz comprometido e defensor da história, jamais poderá ser o retrato do bom senso, conhecimento, da razão e da sabedoria de quem teve oportunidade e atingiu ou chegou além do estágio de alienação, ignorância e vazio acerca dos valores humanos existentes no espaço e no tempo.

Busca da Liberdade

O recente atestado dos índios uruguaios, com o julgamento de Colombo - revela, sem dúvidas, que mesmo depois dos cinco séculos do genocídio praticado na América, aquele povo simples, humilde, explorado, miserável e faminto reafirma a sua coragem, determinação e consciência para defender os seus direitos em nome da humanidade, liberdade, justiça e dignidade que lhes pertencem na perspectiva da condição humana.

No ato e pensamento de quem nasceu e vive no Rio Grande do Norte, a Guerra dos Bárbaros deveria ser um ponto de maior referência histórica, cultural, social e política em proporção infinita, visando à formação e grandeza de seus valores.

Esta orientação poderia ser feita, adotada e incentivada, no plano inicial, pelos intelectuais, estudantes, políticos e lideranças responsáveis pelo destino da coletividade, a exemplo do que vem sendo realizado nas populações libertadas do estágio tradicional, conservador, alienado e burguês que caracterizam o atraso.

Desde o início do século findo, o estudo e pesquisa sobre a Guerra dos Bárbaros vêm sendo feitos, sem haver aprofundamento, análise e interpretação científica, exceto quanto aos aspectos governamentais, ou seja, no que diz respeito a sua justificativa sobre o extermínio

dos índios inimigos do regime.

O nativo ficou como vilão da história escrita, paga e dominada pelos governantes, seus mercenários, colonizadores, bandeirantes e chamados pioneiros, estrangeiros e brasileiros, exploradores e contrabandistas de terras, minérios e madeiras indispensáveis à riqueza de quem estava sob a proteção dos reis.

Naqueles períodos, a maioria dos indígenas não dispunha de entendimento ou capacidade para compreender e tão pouco se defender dos planos de invasão e exploração do seu patrimônio, daí tendo resultado o extermínio das tribos e nações no sertão e litoral da região em que viviam.

A verdadeira história da Guerra dos Bárbaros, ainda está para ser contada, apesar da vergonha, traição,

provocados pela competição do gênero humano que assim - parece ser mais animal e menos racional.

A civilização da igualdade e solidariedade tem sido uma realidade limitada às ilhas isoladas, separadas pelas águas do oceano, sem as vias de comunicação indispensáveis à sobrevivência do ser humano angustiado pela solidão, egoísmo, orgulho e prepotência causadores das rivalidades intramuros de pessoas, grupos, classes e nações.

O homem tem receio e recusa pensar em silêncio sobre a simplicidade e insignificância da vida, temendo que o semelhante venha dominar o seu pequeno espaço, através da ameaça, força e demais atos de violência gerados pela ignorância e extinto animalesco que destroem os fracos e humildes.

Os poderosos, em nome da justiça e da paz - desde a colonização, com as "guerras justas" - fabricam, vendem e manuseiam suas armas para combater os inimigos desarmados, sem pão, água e saber, que constituem 70% da humanidade.

Recorde-se que assim mesmo aconteceu durante a colonização americana - quando as tropas européias avançavam contra os índios de então, estes portando arcos e flechas, enquanto os outros dispunham de espingardas, fuzis e canhões.

No império Romano, quando mais de cinco mil escravos foram crucificados na via Ápia, em nome do direito estabelecido pelo poder, também ficou patente um dos maiores genocídios, assim como na atual guerra da Argélia, com mais de 40 mil mortos, sem considerar as atrocidades dos anos 1960/70 no Vietnã, da Segunda Guerra Mundial, da miséria, fome, peste e guerra nos países africanos, além de outros que estão rolando pelo mundo.

A Escalada da Morte na humanidade constitui, portanto, um dos aspectos relevantes para a cultura contemporânea dos "civilizados" que ainda não assimilaram o sentido da igualdade e harmonia na dimensão do universo em que o ser humano desconhece a sua capacidade para fazer a história, a partir do fogo e das cinzas feitos e deixados sobre a terra.

As cinzas em que estamos, também foram resultantes da Guerra dos Bárbaros que desconhecemos e esquecemos no espaço de 36 milhões de mulheres e homens do Nordeste brasileiro.

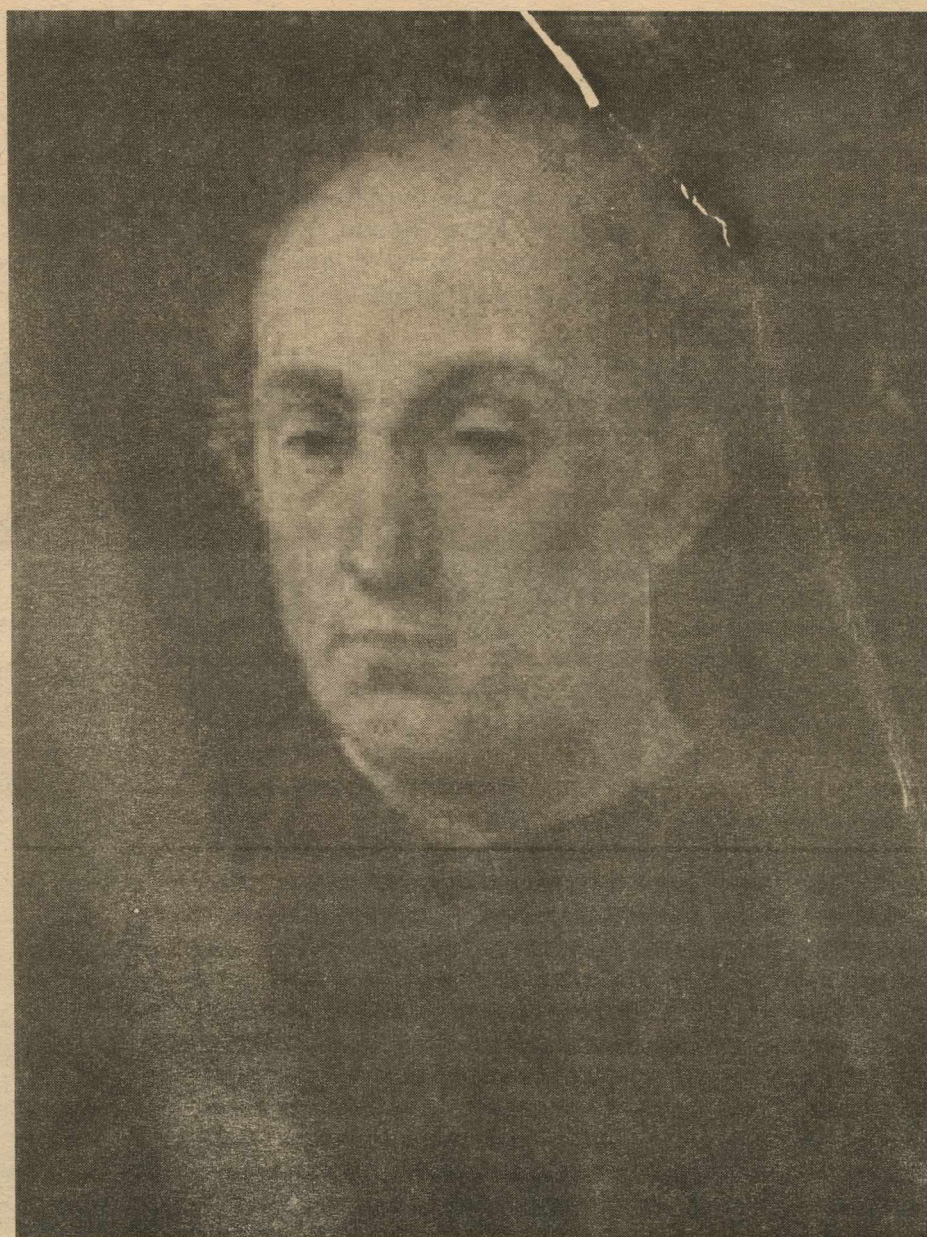
O sangue e toda a cultura indígenas ainda estão presentes na vida de cada nordestino, especialmente os de "cabeça chata" e pernas grossas que caracterizam o nosso físico descendente dos tapuias.

Fontes/Livros:

- 01-Dantas, José de Azevedo - 1994
- 02-Oliveira, Roberto Cardoso de - 1978
- 03-Farias, Afirton de - 1997
- 04-Stuart, Carlos Filho - 1966
- 05-Martin, Gabriela - 1997
- 06-Carneiro da Cunha, Manuela - 1998
- 07-Perrone-Moisés, Beatriz - 1998
- 08- Folha de S. Paulo - 13.10.1998

Arlindo de Melo Freire é Jornalista e Sociólogo - UFRN

Labim/UFRN



Retrato de Cristóvão Colombo pintado após sua morte, por artista não identificado

sujeira e mentira com que foi executada.

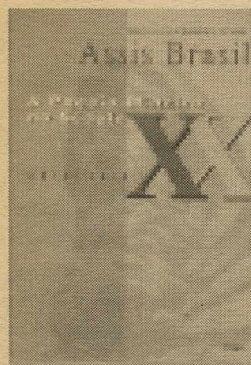
Quando isto ocorrer - teremos o conhecimento, as explicações e o juízo sobre quem somos, sem esquecer que antes mesmo de 1500 e no passado de 30 a 60 mil anos, antes do presente, o homem primitivo plantou a semente da coletividade em que estamos inseridos.

Escalada da Morte

Durante os 2 milhões de anos da história da humanidade, a Escalada da Morte tem sido uma constante de revoluções, guerras e outros conflitos

LÍVROS / JORNAIS

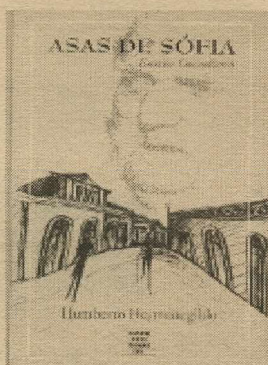
Duas obras poéticas se destacam na seleção deste mês de lançamentos. Uma é *A poesia mineira no século XX*, do infatigável Assis Brasil, que chega à 10ª obra do seu mapeamento poético brasileiro; a outra é o premiado *Relógio de Areia*, de Fausto Rodrigues Valle. A prosa, por coincidência, é quase toda cascudiana: o primeiro é do



Poesia
Imago Editora,
Rio de Janeiro,
1998
Tel.: (021) 502-9092

Com esta, mineira, já são dez as antologias estaduais de poesia organizadas e apresentadas por Assis Brasil, incluída aí a norte-rio-grandense. Alphonsus de

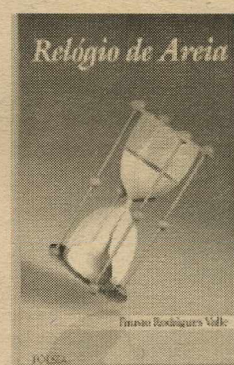
Guimarães, Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, Bueno de Riera, Elizabeth Rennó, Affonso Romano de Sant'Anna estão entre os poetas coligidos. Motivos legais explicam a ausência de Drummond.



Ensaísmo
Literatura norte-rio-grandense
Fiern/Seni/Senai/Iel
Natal-RN
1998

Este livro, resultado de um trabalho apresentado ao Concurso Nacional de Temas Câmara Cascudo, da Funcart, no qual obteve a segunda classificação, busca a compreensão da

produção intelectual de Cascudo nas suas relações com o processo de formação da cultura e da literatura brasileiras. Para isso, se serve dos primeiros livros e textos esparsos escritos por Cascudo.



Poesia
Fundação Cultural Pires do Rio
Goiás, GO
1998
E-Mail do
autor: vallet@nuteccnet.com.br

Premio Bolsa de publicações Wilson Cavalcanti Nogueira, da Fundação Cultural Pires do Rio, esse livro de poesia de Fausto Rodrigues Valle foi distinguido entre 32 originais por uma

comissão formada pelos escritores Brasigóis Felício Carneiro, Geraldo Coelho Vaz e Antônio Geraldo Ramos Jubé. Fausto R. Valle é médico e publicou, entre outros, os livros *A Fonte do Sal* (1988) e *Cravos sobre a Mesa* (1992).

Canto d'O Galo
agita Goiânia

Um momento para lembrar, quando a diretoria da União Brasileira de Escritores-UBE, se reuniu no Hotel Glória do Rio de Janeiro, no dia 28 de agosto passado. Foto gentilmente enviada pela poetisa Alice Spíndola. (da esquerda para a direita, vêm-se: Alice Spíndola, Placidina Siqueira, Stella Leonardos e o potiguar Fagundes de Menezes). Diz a missivista: "Amigo Nelson Patriota, veja esta foto com olhos curiosos e mente feliz, pois nunca em tão pequeno espaço de tempo o jornal O GALO passou por mãos tão ilustres e tão amigas. Como presente do Dr. Getúlio Araújo levo para a Diretoria da UBE- Rio de Janeiro, 4 exemplares do seu periódico. houve uma curiosidade estranha: todos queriam o jornal."



Prosa
Goiânia-GO
Editora Kelps
1998

Historiador, professor e cronista do cotidiano de Goiânia, José Mendonça Teles reúne em *Crônicas de Goiânia* uma parte do seu trabalho publicado no jornal

goiano O Popular, nos últimos dois anos. Retintas de emoção, nostalgia e, às vezes, indignação, essas *Crônicas* são antes de tudo um testemunho de amor de um homem sensível pela sua cidade



Coletânea
Organização e seleção de
Getúlio Araújo
Goiás-GO
1998

O escritor potiguar Getúlio Araújo, radicado há muitos em Goiás, lança no dia 18 de novembro, no IHG/RN, o livro *A presença de Câmara Cascudo em Goiás*. Trata-se de uma coletânea que ele organizou com textos de autores goianos que conviveram com Cascudo ou que se encantaram com a vastidão e a profundidade de sua obra.



Prosa
Editora Lidor
Rio de Janeiro-RJ
1998

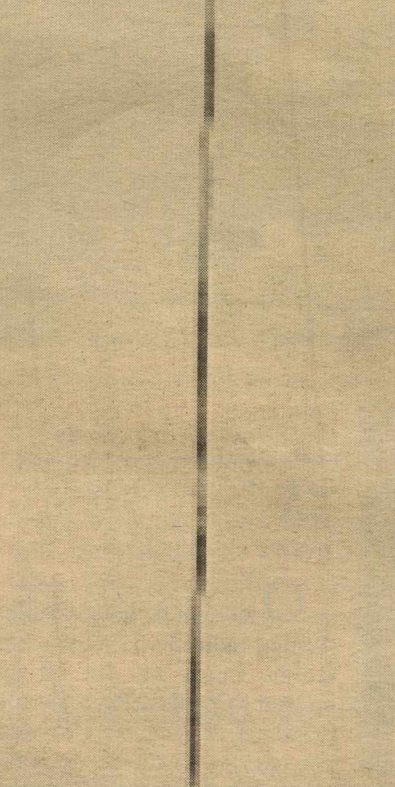
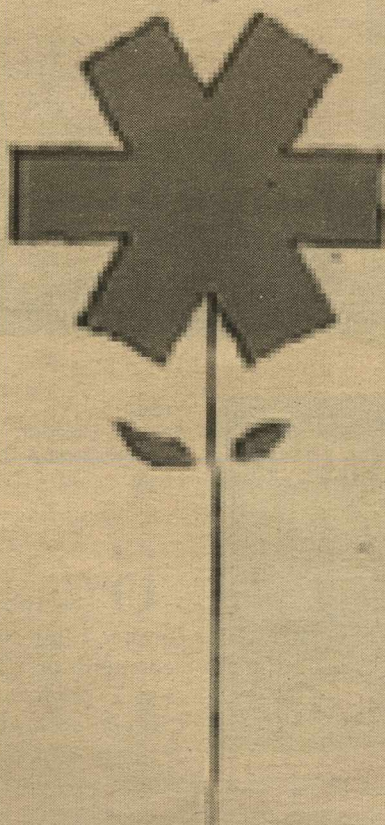
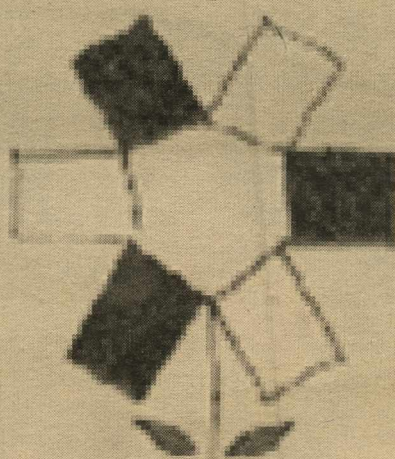
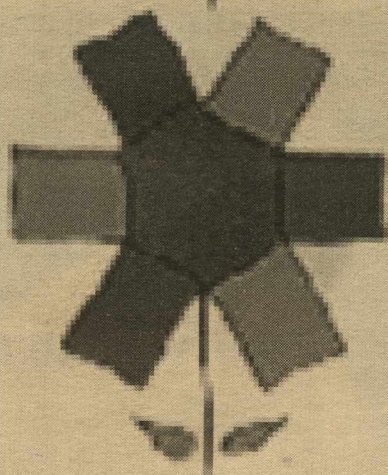
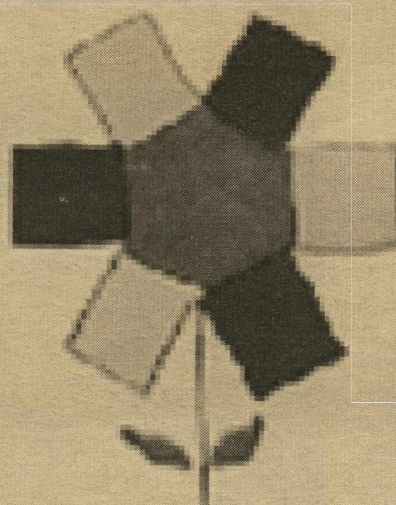
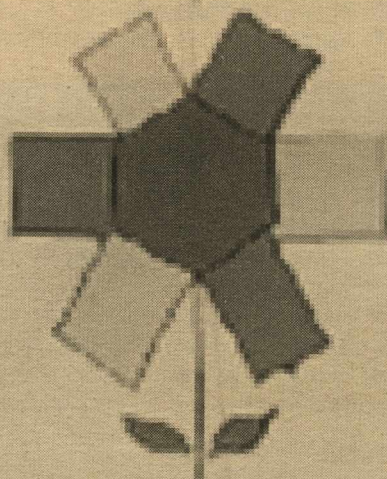
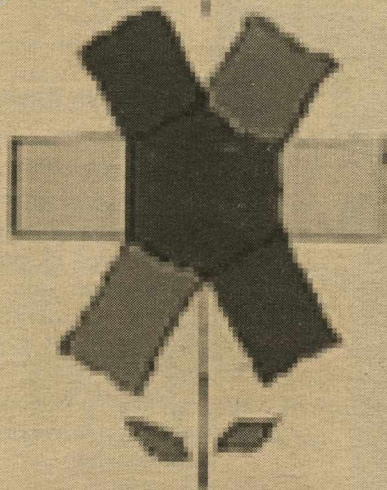
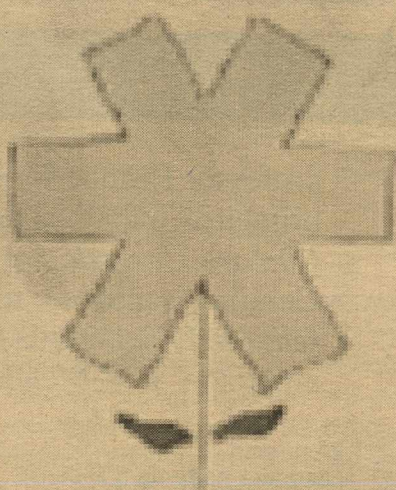
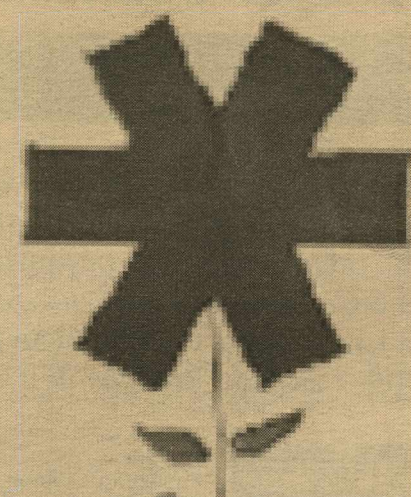
O escritor Diógenes da Cunha Lima homenageia o centenário de Câmara Cascudo com a reedição de *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*. Essa 3ª edição sai revista e ampliada, e em seus 14 capítulos, se propõe a ser uma espécie de guia para introdução ao estudo da obra e da vida do autor de *História da Cidade do Natal*, *Canto de Muro*, etc.

O GALO

Jornal Cultural

Fundação José Augusto

Ano X - nº 9 - Outubro, 1998



Cores em canções

Trabalho de Cândida Maria A.
Bezerra a partir de um tema criado
por Raul Córdula